



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Inês Marília Magalhães Oliveira

Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Inês Marília Magalhães Oliveira

Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação do
Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

julho de 2016

E simplesmente descubro que seria perfeito poder reunir num só lugar, sem diferenças de países, de raças, de credos e de línguas, todos quantos me lêem, e passar o resto dos meus dias a conversar com eles.

José Saramago

AGRADECIMENTOS

Manifesto os mais sinceros votos de agradecimento:

Aos meus Pais, que sempre estiveram presentes, e que nunca permitiram que eu desistisse, dando-me todas as condições necessárias para a conclusão desta tarefa;

Aos meus irmãos, Geraldino Oliveira e Nelson Oliveira, por todo o auxílio e pelo exemplo que representam para mim;

À professora Carla Pinteus pelo constante apoio e por ser um exemplo a seguir;

Ao Doutor Artur Manso pela ajuda e tempo disponibilizado;

Ao meu namorado por toda a paciência ao longo destes meses;

Aos meus amigos que se mostraram incansáveis e sempre me deram força para que este projeto chegasse ao fim;

Aos meus familiares que acreditaram em mim e me animaram nos tempos difíceis;

A todos os docentes e colegas que acompanharam o meu percurso académico e me proporcionaram momentos de aprendizagem.

A todos e cada um que involuntariamente possam ter caído em esquecimento, Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho, intitulado *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* é o relatório de estágio profissional realizado nas turmas 10°1 e 10°2 do Externato de Vila Meã, durante o ano letivo 2014-2015, no âmbito do *Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário*. Com ele pretendo, como indica o título, apresentar a relação entre Filosofia, Ética e Multiculturalismo, despertando nos alunos a curiosidade e o interesse pelos conteúdos da filosofia, ajudando a promover uma sensibilidade crítica e reflexiva.

Estando a filosofia intimamente ligada aos problemas éticos, que por sua vez refletem a relação do *eu* com o *outro*, as aulas lecionadas foram dirigidas de modo a estimular a consciência filosófica nos estudantes, sensibilizando-os para os problemas do mundo contemporâneo e para a “utilidade” da filosofia.

O relatório divide-se em quatro capítulos: o primeiro apresenta o projeto e caracteriza a escola e as turmas onde decorreu o estágio profissional; o segundo dedica-se ao desenvolvimento do tema em concreto, nomeadamente à fundamentação da tese a defender; no terceiro expõe-se a parte prática do projeto, onde se apresenta a estrutura das aulas lecionadas, as estratégias e materiais utilizados; finalmente, no quarto capítulo, faz-se a avaliação de todo o trabalho. Fazem ainda parte do relatório, uma introdução, conclusão, bibliografia e apartado de anexos.

Palavras-chave: Ensino – Educação – Filosofia – Ética - Multiculturalismo

ABSTRACT

This study, entitled Philosophy, Ethics and Multiculturalism what is the connection? is the professional internship report which was developed in the Externato de Vila Meã classes 10th 1 and 10th 2, during the school year 2014-2015, within the Master in Philosophy Teaching in Secondary Education. With it I intend, as indicated by the title, to present the connection between Philosophy, Ethics and Multiculturalism, awakening in the students their curiosity and interest in the philosophy contents, helping to promote a critical and reflexive sensibility.

Being philosophy closely linked to ethical problems, which in turn reflect the relationship between the self and the other, the lessons taught were planned to stimulate the philosophical awareness in students, sensitizing them to the problems of the contemporary world and the "utility" of philosophy.

This report is divided into four chapters: the first presents the project and characterizes the school and the classes in which the professional internship was developed; the second is dedicated to the development of the theme in concrete, namely the reasoning of the thesis to defend; the third exposes the practical part of the project, in which the planning of the lessons taught, the strategies and materials used are presented; finally, the fourth chapter consists on an evaluation of all the work. Also as part of this report, there is an introduction, a conclusion, a bibliography and attachments.

Keywords: Teaching - Education - Philosophy - Ethics - Multiculturalism

INDÍCE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	1
1. O PROJETO E O SEU CONTEXTO DE INTERVENÇÃO	3
1.1 EXTERNATO DE VILA MEÃ	3
1.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS	4
1.3 PROBLEMA E PLANO DO PROJETO	6
1.3.1 <i>Metodologia utilizada no projeto de intervenção</i>	7
2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA	9
2.1 O PAPEL DA FILOSOFIA.....	9
2.2 A FILOSOFIA DENTRO DA SALA DE AULA.....	10
2.3 ESCLARECIMENTOS CONCEITUAIS: FILOSOFIA, ÉTICA E MULTICULTURALISMO	12
2.3.1 <i>Filosofia</i>	12
2.3.2 <i>Ética</i>	13
2.3.2.1 A ética e o relativismo moral	14
2.3.2.2 Realismo moral.....	16
2.3.3 <i>Multiculturalismo</i>	17
2.3.3.1 A adoção de uma ética universal num mundo pluricultural	20
2.3.3.1 Educação e diversidade cultural – Os desafios da contemporaneidade	23
3. O PROJETO POSTO EM PRÁTICA	25
3.1 A ESTRUTURA DAS AULAS	25
3.1.1 <i>Filme: Os Maias</i>	27
3.1.2 <i>Parlamento dos Jovens</i>	27
3.1.3 <i>A aula de Testemunhos</i>	28
3.1.4 <i>Exemplo de aula: Immanuel Kant versus Stuart Mill</i>	29
3.1.5 <i>Visita à Assembleia da República</i>	30
3.1.6 <i>Visita de Estudo a Templos Sagrados</i>	31
4. AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	32
4.1 REFLEXÃO ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	38
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	45

ANEXO 1: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO SOBRE A CONDIÇÃO SOCIOECONÓMICA DOS ALUNOS DO 10º1 E 10º2.....	46
ANEXO 2: EXEMPLO DE UMA GRELHA DE OBSERVAÇÃO.	48
ANEXO 3: SUMÁRIOS DAS AULAS LECIONADAS POR MIM NO ÂMBITO DO ESTÁGIO PROFISSIONAL.....	49
ANEXO 4: EXEMPLO DE UMA PLANIFICAÇÃO E MATERIAIS DE AULA.	50
ANEXO 5: VISITA DE ESTUDO AO CINEMA: FILME <i>Os Maias</i>	58
ANEXO 6: ATIVIDADE – PARLAMENTO DOS JOVENS.....	58
ANEXO 7: PLANIFICAÇÃO DA AULA – A AULA DE TESTEMUNHOS E ILUSTRAÇÃO DE MATERIAL UTILIZADO.....	59
ANEXO 8 : EXEMPLO DE MATERIAL UTILIZADO NA AULA - ÉTICA DEONTOLÓGICA VS. ÉTICA CONSEQUENCIALISTA.....	62
ANEXO 9: ATIVIDADE – VISITA À ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA	66
ANEXO 10: ATIVIDADE – VISITA DE ESTUDO TEMPLOS SAGRADOS	66
ANEXO 11: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO SOBRE A RELAÇÃO FILOSOFIA, ÉTICA E MULTICULTURALISMO.	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* é o relatório de estágio profissional no âmbito do ensino de Filosofia no Ensino Secundário, realizado na Universidade do Minho no ano letivo 2014-2015 e levado à prática nas turmas 10º1 e 10º2 do Externato de Vila Meã, sob a orientação da Professora Carla Pinteus e a supervisão do Doutor Artur Manso.

Para explicitar a minha filosofia de ensino, convém referir que este projeto, deveu-se, sobretudo, ao facto de vivermos numa era global, em que se impõe repensar os valores e a cultura, pois a “pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltra-se, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea” (MOREIRA, 2001: 41), manifestando uma heterogeneidade, que conseqüentemente acarreta riqueza e aprendizagem ao ser humano.

O mundo contemporâneo é o reflexo de um leque variável de diferentes valores e culturas, no mesmo espaço e tempo, e com este fenómeno surge a necessidade de repensar o *eu* e o *outro* tanto na sua singularidade como no seu todo. Se por um lado é necessário combater todo o etnocentrismo, por outro impõe-se resistir à homogeneidade cultural. Perante a pluralidade de *eus* é crucial refletir e compreender a alteridade no mundo atual, enquanto professora estagiária, juntamente com as turmas de estágio, trabalhamos a questão do multiculturalismo e a aliada reflexão ética que a ele subjaz.

Como se sabe, a diversidade do mundo atual continua a ser vítima de um olhar em que maioritariamente é vivenciada uma resistência ao diverso, ainda que, muitas vezes, de forma camuflada. Continua, assim, a predominar o etnocentrismo, que se manifesta através de estereótipos como o racismo, xenofobia, intolerância diversa pelo diferente. Isto leva, necessariamente, a uma urgência de diálogo e cooperação entre culturas, pois como sustenta Vieira (1995)

Há que procurar políticas e tipos de comunicação interculturais, não apenas multiculturais, pois caso contrário, reproduzem-se as diferenças fechadas em ghettos, reconhecendo-se-lhes as suas particularidades e identidades próprias sem, todavia, ou pelo menos necessariamente as pôr em pé de igualdade ao acesso à cidadania europeia, mundial, transnacional, transcultural, (VIEIRA, 1995: 133–134).

Perante este cenário, a reflexão ética e filosófica ganha novos e decisivos contornos, daí este projeto de estágio.

É ainda de referir, que na escolha do tema, tive sempre em mente trabalhar algo que proporcionasse aos alunos um sentido útil, pois trata-se de estudantes do curso de Ciências e Tecnologias, e era fundamental a adequação do tema ao contexto da escola e dos alunos. De salientar, ainda, que o ambiente escolar não é apenas um local onde se aprendem conteúdos programáticos, mas também, um espaço de formação social. Posto isto, “acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha” (FUCK, 1994: 14- 15), piso o terreno mais fértil para a implementação do projeto.

Ao longo do estágio, tive, ainda, como um dos principais objetivos elucidar os alunos, não só para o sentido prático da filosofia, mas sobretudo, para o exercício crítico da razão e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, ajudando a prepará-los para serem cidadãos ativos. Nas aulas lecionadas, cumprindo sempre os conteúdos programáticos, orientei os estudantes para a reflexão e discussão filosófica, através de diferentes estratégias, que passo a apresentar, mais pormenorizadamente, à frente neste relatório¹.

Na fundamentação científica desta investigação, é dada a conhecer a teoria de alguns autores em que fundamentei a parte prática do projeto de estágio que aqui é exposta, comentada e avaliada.

¹ Cf. no ponto 3.

1. O PROJETO E O SEU CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

1.1 Externato de Vila Meã

Foi no Externato de Vila Meã, no concelho de Amarante, que o meu estágio profissional decorreu.

O Externato teve origem quando na década de cinquenta do século XX todos os alunos de Vila Meã e localidades vizinhas terminavam o ensino primário, não tendo, a maioria, perspectivas de ensino e os que pretendiam continuar os seus estudos, necessitavam de se deslocar para o Porto, Vila Real ou Guimarães. Ante este cenário, José Pinto Rebelo da Cunha e Clementino Ribeiro perspetivaram a criação de uma escola que pudesse suprir essa necessidade.

Foi em 1966 que o atual edifício do Externato de Vila Meã recebeu os seus primeiros alunos e cinco anos depois, a escola contava com 300 alunos, apesar de dispor de escassos meios. O Externato tem vindo a registar um aumento muito significativo em números de alunos: passou de 722 alunos e 26 salas de aula em 1991 para 1644 alunos e 53 salas de aula na atualidade. Esta evolução não se deveu unicamente ao aumento da população escolar mas também à vontade, à audácia e à determinação demonstrada pelas administrações do Externato. Também não é alheio a esta evolução o empenho do quadro de docentes, constituída por profissionais altamente competentes, motivados e cujo trabalho incentiva e motiva os alunos a darem o seu melhor, quer para entrar no mercado de trabalho, quer para continuar os seus estudos no Ensino Superior.

Convém ainda referir que o Externato de Vila Meã é uma escola particular nos termos do Decreto-lei número 553/80, de 21 de novembro. A direção Pedagógica é o órgão deliberador do estabelecimento de ensino que executa a competência do Conselho Pedagógico no que respeita à orientação pedagógica.

Dada a nótula histórica o Externato faz da promoção da Liberdade, do Respeito, da Solidariedade, da Iniciativa e da Criatividade, caminhos para a formação dos jovens preparando-os para a integração numa sociedade moderna, em constante evolução e mudança, o que facilita a prática do meu projeto de estágio.

1.2 Caracterização das turmas

Obtive da minha orientadora de estágio, a Professora Carla Pintéus e das diretoras das turmas envolvidas, informações sobre as características dos alunos com quem iria trabalhar, e como complemento realizei um conjunto de questionários por inquérito² para compreender as condições socioeconómicas dos estudantes envolvidos. Uma vez que, entre outros fatores, tal como João Ferreira de Almeida³ sustenta, não podemos ignorar que existe uma forte relação entre posição social e desempenho escolar, quero com isto dizer que, não é indiferente o facto de se nascer numa família rica ou pobre, com níveis de escolaridade elevados ou sem escolaridade, competindo à escola equacionar as desigualdades de oportunidades, não em termos de desigualdade de acesso, porque na realidade, formalmente, todos têm direito à educação, mas como desigualdade de sucesso. Enquanto professora estagiária não poderia deixar de lado este fator, que em muito influência não só o percurso dos alunos, mas a função de docência.

Este projeto foi desenvolvido com duas turmas do 10º ano do curso de Ciências e Tecnologias.

A turma 10º/1 constituída por 30 alunos, 16 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com média de idade de 15 anos, demonstrando um trajeto normal, isto é, sem alunos repetentes. Dos dados que obtive através do inquérito, realizado no início do estágio, verifiquei que é uma turma heterogénea, em relação ao gosto pelo estudo, uma vez que, à pergunta “gostas de estudar” 17 responderam “sim” e 11 responderam “não” (dois alunos não responderam a esta questão). No entanto, apesar de muitos deles admitirem não gostar de estudar, curiosamente, quando questionados sobre o que pretendiam fazer depois de terminar o secundário 26 responderam que pretendem prosseguir os estudos e apenas 3 desejam trabalhar (um aluno não respondeu).

Interpelados sobre as suas disciplinas favoritas, a maioria dos alunos dá primazia à Matemática e à Biologia/Geologia, isto parece compreensível uma vez que frequentam o Curso de Ciências e Tecnologias. A disciplina que menos gostam é o Inglês (6), dividindo-se as outras escolhas, de forma equivalente, pelas restantes disciplinas.

² Ver o inquérito por questionário sobre as condições socioeconómicas das turmas no Anexo 1

³ Cf. Almeida, J. F. (org.) (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: UAberita, p. 131.

Em relação à Filosofia, a disciplina é mencionada apenas em oito dos inquiridos, sendo que 1 a aponta como a disciplina preferida, 3 como a disciplina que menos gostam e 4 como a que apresentam maior dificuldade.

Relativamente aos encarregados de educação, no que se refere às habilitações literárias, o nível de escolaridade varia do 4º ano antigo ao grau de licenciatura, pelo que todos se encontram empregados, sendo que 4 são domésticas.

A turma 10º/2 constituída por 28 alunos, 18 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com uma média de idade de 15 anos, não tem nenhum aluno que já tivesse reprovado ao longo do percurso escolar.

Todos os alunos da turma, após terminarem o secundário pretendem continuar os estudos, apesar de 15 admitirem não gostarem de estudar.

Questionados sobre a “disciplina favorita”, a maioria dá preferência à Matemática e à Biologia, tal como acontece na turma 10º/1. O Português é apontado por 15 alunos como sendo a disciplina que menos gostam, seguindo-se o Inglês (7). Apontam, ainda, como disciplinas com maior dificuldade a Físico-Química, Matemática, Português e Inglês.

A Filosofia apenas é apontada por 1 aluno como sendo a disciplina com “maior dificuldade”, 6 apontam-na como a “disciplina favorita” e apenas 1 como a “disciplina que menos gosta”.

Relativamente aos encarregados de educação, no que se refere às habilitações literárias, o nível de escolaridade varia do 4º ano antigo ao grau de licenciatura, mais precisamente 12 dos encarregados de educação são licenciados. Apenas 2 encarregados de educação se encontram desempregados, sendo que os restantes 26 se encontram ativos a nível profissional.

Após a lecionação das aulas e de um contacto mais direto com os alunos, constatei que as duas turmas eram bastante empenhadas, interessadas e participativas. Nas aulas, os estudantes intervinham de forma adequada e mostravam vontade de aprender.

Tanto no 10º/1 como no 10º/2 foi possível concretizar o que tanto ambicionei para o meu projeto de estágio, exercitar o poder crítico da razão, ensinando os alunos a pensar e não a absorver os conteúdos, aumentando, desta forma, a sua autonomia, o que se torna absolutamente deslumbrante para um professor que inicia o seu percurso.

1.3 Problema e plano do projeto

Antes de iniciar o meu estágio profissional e aquando a projeção do meu projeto questionei-me se seria viável trabalhar a questão *Filosofia, Ética e Multiculturalismo* com estudantes do 10ºano do curso de Ciências e Tecnologias, num contexto curricular em que predominam os saberes científicos e tecnológicos e que, maioritariamente, o papel da filosofia fica minorizado.

Inicialmente parecia enfrentar um trabalho árduo e possivelmente inconclusivo, no entanto, após a familiarização com a escola e as turmas onde ocorreu o estágio profissional percebi que caminhava em terreno fértil. Primeiro, porque o Externato de Vila Meã incentiva os jovens para a integração numa sociedade moderna e isso era fulcral para o projeto, uma vez que pretendia trabalhar a questão do *eu* no mundo; segundo, porque tive o privilégio de ter em mãos duas turmas com vontade de aprender que se mostraram interessadas e bastante participativas.

Embora exista um programa imposto pelo Ministério da Educação em que geralmente para o seu cumprimento se recorre à técnica meramente expositiva, em que o aluno é mero consumidor, não sendo estimulado a pensar mas apenas a ser espectador, há ainda lugar para um ensino inovador e estimulante. Foi precisamente esse o meu objetivo, respeitando o programa imposto, lecionar aulas com diferentes estratégias, de modo a que o aluno aprendesse e levasse consigo conteúdos úteis para o exercício da sua cidadania. Aulas onde houvesse, sobretudo, o despertar da curiosidade e um exercício da mente crítica fundamentada, e acima de tudo, que os alunos trouxessem para fora da sala de aula os conteúdos apreendidos e os pusessem em prática.

Com o tema *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* pretendi, como o próprio título indica, esclarecer pontos de ligação entre os conceitos, Filosofia, Ética e Multiculturalismo⁴ e fundamentar a importância da atividade filosófica.

Ao longo da lecionação várias questões foram debatidas: *Como avaliar em caso de conflito de valores o correto e o incorreto? Se as normas morais são culturais teremos legitimidade para impor os valores de uma sociedade em detrimento dos de outra? Se os valores são padrões culturais, como se poderá fazer o diálogo entre culturas? A Declaração Universal dos Direitos Humanos expressa factos morais, ou reflete simplesmente os padrões morais das sociedades que os subscrevem?*

⁴ Os conceitos *Filosofia, Ética e Multiculturalismo* estão desenvolvidos no ponto 2.

Tudo isto só foi possível com um conjunto de estratégias delineadas aquando do desenho do projeto, as quais foram satisfatoriamente conseguidas: *Observação e diálogo com os alunos; Visita de estudo a templos sagrados; Testemunhos de alunos de diferentes culturas; Realização de questionários; Trabalhos individuais e em grupo; Realização de fichas de trabalhos; Visualização de filmes e documentários*⁵, bem como uma metodologia centrada no aluno em que o método dialógico predominou, bem como a promoção de debates, estimulação da reflexão crítica, sensibilidade ética e a consciência da utilidade do estudo da filosofia.

1.3.1 Metodologia utilizada no projeto de intervenção

Importa, agora, saber qual a metodologia⁶ usada para a realização do meu projeto de estágio. Do vocábulo grego *metà*, *odòs* e *logos*, entende-se por metodologia uma “indicação do método”, ou seja, a “maneira de proceder” (FRAGATA, 1967:12). Assim, após a caracterização da escola e das turmas com quem vou trabalhar é vez de saber a maneira a proceder, doutra forma, qual o caminho a seguir para o sucesso do meu projeto.

Após a identificação do local e do público-alvo com quem trabalhei, fiz uma pesquisa exaustiva do tema a tratar. Através de diferentes leituras de diversos autores e dado o cenário envolvente (escola/alunos), a tese *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* mostrou-se bastante viável. Assim, a metodologia que utilizei para levar o projeto avante foi variada, no entanto, destaco como essencial a interação professor-aluno, pois só a partir dela foi possível trabalhar a questão, articulando a exposição dos conteúdos com o método de ensino dialógico.

Em complementaridade, com a interação e o diálogo, os alunos sobre a minha orientação, transitaram da teoria à prática, isto é, a partir da matéria do manual adotado *Projeto Desafios Filosofia 10.º Ano* e de trechos filosóficos, trabalharam problemas atuais do multiculturalismo sobre uma visão ética. Foi através de documentários, artigos de jornais e revistas, filmes etc. que identificaram os problemas filosóficos, debateram-nos e discutiram-nos em consonância com as diferentes posições acerca dos valores e respostas éticas, que os filósofos têm vindo a defender.

Ao longo das aulas foram realizados questionários, trabalhos de grupo e fichas de trabalho, de modo a que desenvolvesse a reflexão crítica e se alargasse a sensibilidade ética dos alunos.

⁵ As estratégias são apresentadas mais pormenorizadamente no ponto 3.

⁶ No ponto 3 a metodologia é apresentada detalhadamente.

Para além do contexto sala de aula, realizei uma visita de estudo a templos sagrados, nomeadamente à Igreja dos Grilos e Torre e Igreja dos Clérigos⁷, para que existisse um contacto direto com diferentes culturas e promovendo a heterogeneidade de culturas dos alunos, ainda que em pequeno número, desenvolvi um espaço de testemunhos para que fossem partilhados diferentes valores culturais.

As aulas foram lecionadas, sobretudo, com recurso a powerpoint, de forma a que fossem mais dinâmicas e ao mesmo tempo captassem a atenção dos alunos, pois durante a fase de observação reparei que aulas deste tipo eram bastante eficazes.

Ao longo da execução do projeto fui construindo grelhas de observação⁸ de forma a avaliar o conhecimento dos alunos em relação aos temas estudados, bem como a sua posição reflexiva e crítica em relação aos mesmos.

Com esta metodologia pretendi aulas diferentes, que despertassem no aluno curiosidade e vontade de aprender, mergulhando num verdadeiro oceano filosófico. É de referir que com a metodologia e estratégias que utilizei, fui ao encontro da Lei de Bases do Sistema Educativo, Artigo 3º (Princípios Organizativos), alínea d) do artigo 164º e alínea e) do artigo 167º, que falam longamente na necessidade de o sistema educativo assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projetos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas.

Tudo isto foi complementado com uma investigação teórica que será apresentada no ponto seguinte.

⁷ Quando a projeção do meu projeto de estágio, pretendia, juntamente com o grupo de EMRC do Externato de Vila Meã, visitar a Mesquita de Lisboa e o Santuário de Fátima. No entanto, a visita não tendo sido aprovada, acabou por não se realizar, deslocando-nos à cidade de Distrito-Porto, a visitar a Igreja dos Grilos e a Torre dos Clérigos, como segue em planificação no ponto 3.

⁸ Segue um exemplo em anexo 2.

2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

2.1 O papel da filosofia

A filosofia na tradição ocidental teve origem na *Ágora* grega, com Sócrates (c. 470 a.C. – 399 a.C), em oposição ao doutrinamento Sofista que se fazia sentir. Das ruas, rapidamente passou para as escolas não perdendo mais a sua razão de ser, fazendo parte do currículo de muitos países. Em Portugal tem-nos acompanhado ao longo dos séculos “nunca deixou de estar presente nos currículos do ensino liceal e secundário” (MANSO, 2014: 729) e chegou mesmo a ser a “disciplinada base para acesso ao ensino superior” (MANSO, 2014: 729-730). No entanto, à medida que o designado progresso aumenta, a filosofia parece regredir ao nível da opinião comum. Associada à filosofia, constantemente ouvimos o senso comum dizer que “é a disciplina com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”, existindo um estereótipo tão negativo em relação à filosofia, que muitos alunos, aquando o seu primeiro contacto com a disciplina já trazem um certo desprezo pela mesma, não lhe atribuindo qualquer utilidade e interesse.

O desdém atribuído à filosofia, hoje, deve-se sobretudo à primazia das ciências tecnológicas face às ciências sociais humanas: “Com a inteligência artificial, a manipulação do código genético, a indústria dos chips, a vida em rede, a computação extremamente avançada... a filosofia está lá. Não resiste como tantos outros saberes, mantém-se apenas onde sempre esteve: discretamente (...)” (MANSO, 2012: 5). Só o prático e objetivo são vistos com bons olhos na nossa sociedade, submetendo a comunidade ao juízo de que a filosofia além de ser impraticável é inútil. Cabe-nos a nós, principalmente, enquanto docentes, combater este estigma e fazer com que os alunos abandonem essa *barbárie*.

Atualmente, a disciplina de filosofia além de ser opcional no 12º ano, “nem sequer para ingressar em Filosofia é necessário ter escolhido a disciplina no ano final do ensino secundário, o 12º ano” (MANSO, 2014:731) acrescido ao facto de as instituições promoverem, maioritariamente, o saber científico faz com que a filosofia continue a ser vista como algo inútil. E, ainda que louvavelmente a filosofia seja obrigatória no 10º e 11º ano, está de tal modo programada, que contrariamente ao que esta devia ser, apenas “orienta os alunos para

respostas, negando-lhes o direito de fazer perguntas que é para isso que se deve servir.” (MANSO, 2014: 731).

Assim sendo, a filosofia nasce do desejo de conhecer, da curiosidade e do espanto “e como o verdadeiro saber está para lá de tudo que é mensurável e objetivo”, (MANSO, 2012: 4) com a ambição de preparar os estudantes para a cidadania, no sentido de não serem apenas atores sociais, mas antes, seres ativos capazes de terem o desejo de saber e de lhes despertar uma relação amorosa com o conhecimento, ao longo de todas as aulas tentei demonstrar-lhes o sentido prático e indispensável da filosofia que jamais cessará, pois enquanto o indivíduo procurar o sentido da vida, se interrogar e viver cheio de incertezas a filosofia permanecerá, tal como proclamava Aristóteles na sua *Metafísica* “Todas (as ciências) são mais necessárias, mas nenhuma superior (à filosofia) ” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 983a 10). Não quero com isto dizer, que todos entendam a importância da filosofia, mas que interpretem as palavras de Júlio Fragata quando nos diz

tomemos consciência de que a Filosofia é digna de ser cultivada com a sua metódica peculiar, em razão do seu desenvolvimento próprio, como ciência realmente autônoma capaz de levar a conclusão e verdades inatingíveis por outros processos científicos e que reverterão, finalmente, como todos os saberes, em benefício da Humanidade (FRAGATA, 1985: 5).

2.2 A filosofia dentro da sala de aula.

Interessa, agora, esclarecer como pretendi ensinar filosofia em contexto sala de aula, isto é, mostrar a relação da filosofia com a pedagogia.

Com um programa imposto pelo Ministério de Educação, em que o seu cumprimento é imperativo, advém a questão de qual será a melhor metodologia para tratar dos conteúdos filosóficos. O programa apresenta-nos as matérias que devemos ensinar, mas não nos diz que filosofia ensinar, ficando ao cargo de cada docente a forma de como a por em prática.

Penso que o professor de filosofia antes de começar a leção questiona-se sobre o que significa “ensinar filosofia”. Associado ao vocábulo “ensinar” encontramos conceitos como instruir e lecionar, mas ensinar filosofia será transmitir conteúdos? Poderemos admitir que ensinar, por exemplo, a ética deontológica é ensinar e utilizar os textos de Kant? Ensinar não é

apenas expor, “vai além de uma simples exposição de conhecimento. Ao perguntarmos se a exposição oral e o escrito bastam para ensinar, a resposta é simples. Não” (MEUCCI e FILHO, 2010: 85). Ensinar filosofia é fazer filosofia, isto é, mais do que transmitir aquilo que ilustres filósofos sustentam, o professor deve fazer com que o aluno seja ativo, estimulando-o à *atividade filosófica*. Mas, para isso é necessário encontrar o método que melhor serve à filosofia.

Etimologicamente método significa “caminho a seguir”, mas para que

o método seja de facto útil e aconselhável, não basta que indique qualquer caminho; é preciso que indique aquele que melhor e mais satisfatoriamente conduz ao fim que se tem em vista. (...) um bom método garante pois a rapidez do trabalho e sobretudo a sua eficácia (FRAGATA, 1967: 12).

Foi com base nestes pressupostos que elaborei a minha metodologia de ensino, baseada numa atividade criativa, crítica e fundamentada. Pois não só pretendi que os alunos fossem capazes de aprender *história da filosofia*, isto é, que conhecessem as respostas dos autores aos diferentes problemas do ser humano, mas, sobretudo, que aprendessem a *filosofar*, ou seja, que fossem capazes de aprender a pensar por si, capazes de assumirem um pensamento autónomo e crítico. Não quero com isto dizer que a história de filosofia seja irreverente, pois partilho da opinião que ela é indispensável, uma vez que é a partir dela que o estudante consegue assumir uma postura crítica fundamentada e partir para a atividade filosófica, aliás, partilho da opinião que *filosofia* e *filosofar* ensinam-se conjuntamente.

Pois bem, por em prática a filosofia dentro da sala de aula, de forma adequada, é a forma de conseguir com que os estudantes levem consigo a bagagem necessária para o seu futuro, por isso, ao longo de todas as minhas lecionações preocupei-me sobretudo em criar nos alunos um espírito crítico fundamentado, para que estes num futuro próximo sejam cidadãos ativos, capazes de tomarem uma posição autónoma.

2.3 Esclarecimentos conceituais: Filosofia, Ética e Multiculturalismo

2.3.1 Filosofia

Filosofia deriva do grego *philos* que significa amor e *sophia* que significa sabedoria é o “amor à sabedoria”, no entanto, defini-la, vai muito além da sua definição etimológica. Não é uma tarefa fácil definir filosofia, pois além de a palavra não ter uma significação delineada, ao longo dos séculos não há consenso sobre a sua definição.

Na antiguidade, os gregos, como símbolo, atribuíram-lhe a figura de um mocho “porquanto procurava ver claro e desvendar, nas sombras da obscuridade, as leis da sua própria vida” (ROCHA, 2007: 277). A filosofia surge, então, na antiga Grécia, com os pré-socráticos, Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, entre outros, quando estes se dedicam a refletir sobre o que preside à organização do mundo, mais recentemente, com os positivistas, a filosofia é definida como uma forma de sistematizar os saberes. Nasce do espanto, o espanto com o *cosmos* com o que ele contém e qual o lugar que ocupamos nele. É feita de perguntas enormes, com respostas ainda maiores e de uma inquietação constante. É próprio da filosofia fazer do sujeito racional um ser com espírito crítico, com a incessante procura da verdadeira sabedoria. Nas palavras de Epicuro (1982) “que ninguém hesite em dedicar-se à filosofia enquanto jovem, nem se canse de o fazer depois de velho, porque ninguém é demasiado jovem nem demasiado velho para desenvolver a saúde do espírito”. (EPICURE, 1982: 76)

O saber filosófico, desde a sua origem, é necessário à condição humana, “é o saber mais originário, mais próximo das potências da alma humana, que é por isso mesmo a melhor e mais profunda expressão cultural do humano, pois por ela se expressam as linguagens do sentimento, da imaginação e da razão” (ROCHA, 2007: 281). A filosofia é o centro da encruzilhada de todos os caminhos, é um saber integrado, prendendo-se a diferentes áreas, tais como a lógica, epistemologia, estética, religião, antropologia, política, ciência, linguística, economia, etc., e no que a este relatório interessa, refere-se “a tudo o que é ação humana, já individualmente já em sociedade, a filosofia igualmente preside através da Ética.” (ROCHA, 2007: 282). A filosofia nasce com o homem, surge da interrogação que este faz do mundo desde o primeiro momento e assim, como nos tempos mais remotos, “a sua tarefa atual, enquanto reflexão crítica, consiste em preservar o humano de qualquer redução unidimensional, buscando a sua compreensão integral; nas nossas sociedades multiculturais, facultando o instrumento indispensável para viver e agir em conjunto” (ROCHA; 2007: 282-283).

Tal como na antiguidade, a filosofia no mundo contemporâneo e num mundo futuro, apesar de toda a resistência, permanecerá e mais que isso, mostrar-se-á, como até os dias de hoje, necessária à condição humana, porque é uma atitude natural do ser humano, própria do ser pensante que procura o sentido da vida.

2.3.2 Ética

Ética do grego *éthos* significa costume, uso, maneira (exterior) de proceder. (*LOGOS* : vol. 2, 334). Michel Bernard (Da biologia à Ética, 1994) observou que

o termo ética pode assumir dupla grafia e conseqüentemente uma dupla significação. Assim, numa primeira grafia, ética designa o conjunto dos hábitos, dos comportamentos cujo enraizamento profundo faz deles uma – segunda natureza. Nesse sentido, somente os seres humanos seriam seres éticos, pois apenas eles podem acrescentar à sua natureza primeira uma segunda natureza, formada por um modo de agir que vai além das manifestações biológicas. Numa segunda grafia, ética significa o lugar habitual. Por extensão, significa o lugar correto de todas as coisas. Assim, o homem ocupa um lugar natural no contexto do universo. (CUNHA, 2014: 40).

Ao termo *ética* associamos o comportamento humano, caracterizando determinado ato como “bom” ou “mau”, ou seja, se está de acordo ou não com a moral, respetivamente.

Apesar de, etimologicamente ética e moral significarem o mesmo (o termo grego *ethos* e o termo latino *mos* significam costume), moral e ética não são a mesma coisa. Estes conceitos, apesar de usados amiúde com o mesmo significado, na minha perspetiva, podem e devem distinguir-se. Por moral entende-se o conjunto de regras que orientam os comportamentos dos indivíduos, norteando as suas ações e os seus julgamentos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau. A ética consiste numa reflexão acerca da moral, é uma tentativa de explicação teórica, racional e fundamentada das regras morais.

A moral será, assim, a norma institucionalizada, a lei, a teoria, a razão; a ética, por seu turno, será a ação, a moral vivida, um sentir e uma prática que, mais do que racional, é ontológica e universal (CUNHA, 2014: 41).

Assim sendo, a ética atua em diferentes áreas, estudando vários problemas, subdividindo-se, conseqüentemente, em três áreas distintas: a metaética; a ética normativa e a ética aplicada. A metaética estuda problemas relacionados com a natureza da própria ética, como por exemplo se os valores morais são relativos à sociedade ou se são, por outro lado, universais; A ética normativa estuda o problema de saber o que é uma ação boa e o que é o bem último; e por fim, a ética aplicada estuda problemas como a moralidade das guerras, a permissibilidade da eutanásia, entre outros. No meu projeto, abordarei, sobretudo, a metaética, uma vez que pretendo saber a relação da ética com o mundo, mais precisamente com o multiculturalismo.

Sabemos, que a cada cultura corresponde determinado costume, isto é, cada cultura tem a sua própria tradição ética, sendo que, por vezes, também, na mesma cultura há uma discórdia sobre o *bem*, acrescido a isso há, ainda, dentro da própria ética uma oposição, isto é, há diferentes tipos de teorias acerca daquilo que é moral e imoral, exemplo disso são a ética deontológica de Immanuel Kant e a ética teleológica de Stuart Mill, isto tudo faz, com que exista uma diversidade de perspectivas sobre aquilo que devemos fazer e de como agir. Daqui advêm diversas questões, tais como: *Se as normas morais são culturais teremos legitimidade para impor os valores de uma sociedade em detrimento dos de outra? Como avaliar em caso de conflitos de valores o correto e o incorreto?*

2.3.2.1 A ética e o relativismo moral

O relativismo cultural defende que o bem e o mal são relativos a cada cultura. O “bem” coincide com o que é “socialmente aprovado” numa dada cultura. Os princípios morais descrevem convenções sociais e devem ser baseados nas normas da nossa sociedade (cf. GENSLER, 2004).

De acordo com o relativismo cultural é a base cultural que sustenta a moralidade, sendo que a moral se refere a factos objetivos, variando no fator de espaço-tempo, ou seja, são as sociedades que criam o seu código moral. Doutra maneira não existem verdades objetivas acerca do bem e do mal, elas apenas dependem da sociedade, uma vez que, segundo esta teoria, não podemos saber o que é o bem e o mal em termos absolutos. Sendo que aqueles que

absolutizam o bem e o mal estão simplesmente a considerar as normas que vigoram na sua sociedade.

Ora esta tese parece ter uma visão do mundo fragmentada em sociedades distintas, ignorando a mistura de sociedades, pois, o mundo é um conjunto de culturas no mesmo espaço-tempo existindo uma diversidade cultural que não pode ser ignorada. O relativista moral defende ser um *bem* aquilo que a sociedade aprovar como *bem*, podendo a maior atrocidade ser considerada um *bem*, como por exemplo o racismo.

Um outro problema adjacente que a isto subjaz é a questão por nós debatida: *A Declaração Universal dos Direitos Humanos expressa factos morais, ou reflete simplesmente os padrões morais das sociedades que os subscrevem?* Se adotarmos uma visão relativista temos que assumir que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pelas Nações Unidas não exprime princípios éticos universais e assim “a violação de qualquer dos direitos consagrados na Declaração é eticamente permissível desde que seja permissível numa dada cultura”, (MURCHO, 2009: 31) sendo admissível, por exemplo, a escravatura e a discriminação de pessoas, com base na etnia ou sexo. O relativismo cultural é, assim, incompatível com a ideia de direitos humanos universais.

Não só isto, mas também, faz com que o relativismo cultural seja posto em causa, uma vez que, a incompatibilidade com os Direitos Humanos, entre outros, faz com que não nos identifiquemos com a teoria. Mas a possível rejeição do relativismo cultural, não faz com que o problema da Declaração dos Direitos Humanos seja resolvido.

Reflitamos sobre o seguinte: *Serão de facto os Direitos Humanos universais? Isto é, a Declaração dos Direitos Humanos tem, ou não, a possibilidade de ser aceite como universal?*

Como sustenta Panikkar (1983) a primeira impressão é de que toda e qualquer civilização que aparentemente não compreenda ou viole os direitos humanos é, por conseguinte, composta por grupos de gente “atrasada” ou culturalmente ignorante, desprovida de um senso de “humanidade”. Mas será a resposta tão simples? Serão, efetivamente, os Direitos Humanos uma proposta universal?

2.3.2.2 Realismo moral

Primeiramente é necessário, esclarecer a objetividade dos valores.

O realismo moral defende que certas coisas são objetivamente um *bem* ou objetivamente um *mal*, independentemente do que possamos sentir ou pensar. Defende que alguns juízos de valor são objetivos (o valor é próprio do objeto, independentemente do sujeito). Assim, o valor existe independentemente da apreciação de um sujeito individual ou coletivo. Os valores são realidades objetivas, independentes do sujeito avaliador, apenas são descobertos pelo ser humano, mas não criadas por ele. Um juízo moral tem de ser apoiado em boas razões e requerem necessariamente fundamentação, caso contrário não passam de meras expressões de preferência pessoal.

As verdades morais são, assim, verdades da razão, ou seja, uma verdade moral é dependente da razão e unicamente da razão. Por vezes, o ser racional pode não seguir a razão recomendada, podendo-se deixar enganar pelos seus sentimentos, preferências, levando ao não bom uso da razão, tendo a possibilidade de falhar e dar como verdadeiras falsas verdades morais. Mas se fizermos um bom uso da razão chegaremos a uma moral objetiva universal. Será, então, a Declaração dos Direitos Humanos composta por valores objetivos, tornando-a universal?

O primeiro intuito resulta na resposta “sim”, uma vez, que a própria declaração surgiu com esse objetivo. No entanto, na minha perspectiva, só respondemos positivamente porque manifestamos aí a velha questão do preconceito cultural eurocentrista, que nos induz a não admitir qualquer coisa fora do padrão ocidental como cultural.

O mínimo que um leitor ocidental mais atento poderia fazer, antes de realizar qualquer julgamento, é se perguntar se sua sociedade também não tem problemas, hábitos ou costumes que ele próprio não compreende; segundo, se essa estranheza que o Ocidente sente pelo Oriente não seria recíproca, e sem um diálogo amplo e aberto o outro sempre parecerá um desconhecido; por fim, o referencial de correto que este leitor tem é apenas o de sua cultura – o que, a princípio, não o torna em nada um observador capacitado para analisar outros sistemas culturais (BUENO, 2004: 6).

É mais ou menos consensual que “Os Direitos Humanos surgiram com a Revolução Francesa e com a proclamação da ONU em 1948 e tinha como proposta administrar o mundo

segundo um critério liberal e individual, proporcionando-lhe equilíbrio social e um respeito maior pela condição humana” (PANIKKAR, 1983: 5-29). Mas será isto tão simples? Terá a Declaração dos Direitos Humanos em consideração os problemas provenientes de todos os seres humanos, culturas e sociedades?

Pois bem, existem culturas que não conseguem perceber de forma simples os direitos nela expresso, mas se ela é universal porque é que existe esta incompreensão? Parece-me, ser universal que todas as sociedades e culturas do mundo queiram assegurar a liberdade e igualdade tanto individual como coletiva, bem como uma moral e ética universal, mas estes próprios conceitos variam de cultura para cultura, resultando, daí o problema de como aplicar universalmente aquilo que é particular.

Desta breve análise, posso, apenas, concluir que, tal como sustenta Bueno

a questão da aplicação dos direitos humanos só pode ser universalista se levar em conta a diversidade das produções culturais. Assim sendo, não é impossível que as culturas estabeleçam noções de igualdade e vias de comunicação acessíveis a todos os seres, mas, para tal, existe a condição indispensável e primeira de todas as relações que é o reconhecimento do outro como um legítimo ser humano, indivíduo autônomo (e, no entanto, coletivo), produtor de saber e possuidor de valores tais como fraternidade, amor, respeito, etc. a que todos os sistemas éticos e morais recorreram para elaborar suas propostas, tanto no Ocidente como no Oriente (BUENO, 2004: 61).

Conscientes da diversidade cultural e das diferentes interpretações de igualdade, liberdade e fraternidade, os Direitos Humanos e uma conseqüente Ética Universal, não pode ser, assim, imposta culturalmente, mas só a partir do diálogo e partilha de valores, sendo a filosofia o melhor caminho a percorrer, para uma possível resolução ao problema.

2.3.3 Multiculturalismo

Todos os dias ouvimos que estamos envolvidos numa atmosfera multicultural, isto é, vivenciamos um profuso encontro de diferentes culturas. Com a globalização o mundo ficou

“sem fronteiras” e ainda que em muitos locais existam restrições, as diferentes culturas encontram-se em contacto no mesmo espaço-tempo.

Apesar de familiarizados com o conceito *cultura*, que, por sua vez, associamos ao conceito *multiculturalismo* pelas diferentes manifestações que ela apresenta, o que é que faz com que *cultura* apresente pluralidade? Isto é, o que é que nos diferencia de outros para, muitas vezes, assumirmos que somos de culturas diferentes? O que significa, afinal, cultura e multiculturalismo?

Entende-se por cultura o produto da *praxis* do ser humano, ou seja, aquilo “que é colocado na natureza pela criatividade do ser humano” (CUNHA, 2014: 11) sendo que, tendo o ser humano saberes e comportamentos diferentes, há uma manifestação de diferentes culturas, assim, há quantas culturas quantos os saberes diferentes do ser, pois “A cultura, não existindo no abstrato, é uma profusão imensa de expressões (valores) e práticas que vão dizer o humano na sua individualidade e convivialidade/comunidade. (CUNHA, 2014: 12). Então, à manifestação de diferentes culturas damos o nome de multiculturalismo, nomeadamente a diversidade de culturas. É de ressaltar, que quando falamos em multiculturalismo não estamos a associar as diferenças biológicas do ser humano, mas sim o comportamento de cada um. Doutra maneira, “a diversidade humana é cultural e não biológica (...) hoje, não deveríamos esquecer que falar em multiculturalismo é falar em diversidade e não em diferença”. (CUNHA, 2014: 13). Assim, não devemos cair no equívoco e dizer que o ser humano é diferente entre si, pois, ele apenas é diverso, manifestando um conjunto de comportamentos diversificado, através da prática individual e coletiva, que leva à manifestação de várias culturas.

A convivência de culturas no mundo contemporâneo, mais do que nunca, é constante e se por um lado este contacto é enriquecedor, em que conhecemos diferentes costumes e tradições, por outro, acarreta consigo um conjunto de conflitos. “A multiculturalidade está presente em todos os povos” sendo que “ a própria diversidade cultural das sociedades significa enriquecimento, um fator positivo para o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades e não uma ameaça à própria identidade cultural” (BUESO, 2005: 46). No entanto, sabemos que o contacto permanente entre diferentes culturas, muitas vezes, se reflete em conflitos, através de atos, como por exemplo, o racismo e xenofobismo e, penso que, é através da promoção da tolerância, da compreensão da diversidade e do diálogo, estes atos podem ser eliminados:

O multiculturalismo constitui um desafio enquanto abre a construção da nossa própria identidade ao confronto com a imagem que os outros têm de nós e que nos transmitem. Deste modo, entre as exigências do reconhecimento da peculiaridade e preciosidade de cada cultura, e a necessidade de re-compreender e de ultrapassar os estereótipos que impedem um encontro verdadeiro, o multiculturalismo desafia a uma releitura das raízes da nossa identidade (RAGUSO, 2006: 1).

A diversidade deve-se, portanto, expandir, longe de preconceitos e discriminações, deve ser reconhecida com base no respeito e tolerância, uma vez que

A diversidade humana é cultural e não biológica. Só existe uma raça – a raça humana – e, por isso, faz do homem um ser igual. O que o faz variar (e não diferenciar) é a diversidade cultural. Este sentido faz com que todos os homens sejam iguais (na diversidade) na sua essência mais profunda e, por isso, merecedores de igual tratamento axiológico e cultural, enquanto distintivos do reino da natureza. (CUNHA, 2014: 16).

Sabemos, no entanto, que esta máxima está longe de ser realizada e que “O multiculturalismo é uma questão radicalmente individual, social e universal que tem na concretização ética o seu maior desafio”. (CUNHA, 2014: 17).

A diferença cultural, infelizmente, continua a ser encarada como algo negativo, algo que faz o indivíduo sair da sua zona de conforto, provocando um certo grau de “estranheza” que leva, muitas vezes, a ações negativas ou por assim dizer, a uma valoração menos própria, sendo que a ética será o caminho a percorrer para reconhecer o *outro* como um *eu*, dirigindo o sujeito à ação moralmente correta.

Considero, assim, que, todos somos a favor da diversidade cultural, o diverso não só é enriquecedor como constrói a nossa unidade, sendo que, só existe o *eu* se existir o *outro*, mas “De facto, quando tentamos concretizar (colocar em prática) conceitos como os de diversidade e de multiculturalismo, liberdade ou respeito, verificamos dificuldades” (CUNHA, 2014: 18). Apesar de consciencializados da pluralidade cultural do mundo contemporâneo, onde o convívio entre culturas é presente, a diversidade ainda é confundida com a diferença, criando, muitas vezes, um cenário de conflito.

O ser humano deve, então, caminhar para uma utopia⁹ para concretizar o reconhecimento da diversidade.

2.3.3.1 A adoção de uma ética universal num mundo pluricultural

A velha questão de como adotar uma ética universal em relação às singularidades culturais, mais do que nunca, urge nos dias de hoje. O problema não é de agora, mas devido à globalização do mundo contemporâneo, a preocupação com este problema emerge mais do que nunca.

Se por um lado

todas as culturas como tais são legítimas, tendo todas o direito à oportunidade de colocar e controlar o seu próprio destino coletivo e o exercício livre das duas decisões” por outro há “que pressupor o conceito de “necessidades humanas básicas”, como referente axial, que possibilite a tolerância num contexto pluricultural, cujos limites serão o respeito pela dignidade e autodeterminação das pessoas e comunidades, como os verdadeiros signos duma ética das culturas (ROCHA, 2000: 57).

Desde sempre, o mundo assistiu a um conjunto de conflitos, acompanhados por marcos históricos, desde o confronto entre tribos e monarcas, à guerra de povos e nações, até ao conflito de ideologias proveniente da primeira guerra mundial e conseqüente guerra fria. Hoje, e após a queda do muro de Berlim, o mundo está marcado por um conflito de civilizações, “de um lado temos o Ocidente e do outro... todos os outros” (ROCHA, 2000: 58).

O mundo contemporâneo é retratado como um mundo conflitual de civilizações, alimentado pelo estigma dos povos como pertencentes a uma civilização resultante do contacto entre povos de diferentes civilizações, tal como, pelo poder do Ocidente e pela desocidentalização de países não ocidentais.

Assim, a primeira coisa a fazer para que este confronto entre civilizações cesse, a meu ver, para que isso seja possível, é necessário, primeiramente, que os povos tomem consciência de que “uma cultura define-se sobretudo pelo contexto” (ROCHA, 2000: 59), é necessário que entendam o conceito de cultura como o resultado da *praxis* diversificada, e ainda que, entendam

⁹ A utopia não é sinónimo de impossibilidade, mas sim daquilo que o indivíduo deve procurar. Não devemos considerar uma utopia, como algo impossível, inalcançável, mas, como uma razão para lutar por essa possibilidade, essa realidade. (cf. CUNHA, 2014: 18).

que o ser humano, tendo várias manifestações que resultam em diferentes civilizações, é por si só uno, um uno diversificado. O humano distingue-se, assim, pelas diferentes manifestações de práticas e a única diferença que lhe podemos atribuir é o facto de viver em zonas distintas, resultando daí diferentes valores e condutas. Portanto, quem considera que existem civilizações puras e em que nada há de comum entre elas, ocorre em erro, pois “uma civilização pura, cujos membros estariam organicamente ligados num todo indissociável, é uma ficção” (ROCHA, 2000: 60).

É por isso necessário refletir sobre a ética universal num mundo cheio de particulares, no sentido de poder contribuir para resolver os conflitos culturais. Ao longo da história existiu diversidade cultural, residindo o problema no contacto dessa mesma diversidade, ou seja, o problema surge de o mesmo espaço ser compartilhado por diferentes culturas.

Num mundo multicultural, como o de hoje, é então necessário terminar com o combate entre culturas.

Há quem defenda, portanto, que este cessar de conflitos passa por adotarmos uma ética universal, ou seja, um conjunto de valores universais comuns à humanidade, “ a esta ideia pertencem valores e direitos como a liberdade e a igualdade, a justiça e a paz, a dignidade e a educação: são valores e direitos historicamente reconhecidos e conquistados, e, por isso mesmo, universalizáveis” (ROCHA, 2000: 62). Trata-se, portanto, segundo os seus defensores, de valores éticos transculturais e quem contrarie tais valores renega uma vida ética. Mas, por outro lado, os opositores a uma ética universal defendem que esta resulta duma posição etnocêntrica, sustentando que a adoção de princípios éticos universais acabam “por pôr de lado dados da realidade, conduzindo necessariamente a uma nivelação inaceitável do comportamento social, pela aplicação desses princípios e normas” (ROCHA, 2000: 61). Como vemos, há uma discórdia no que concerne ao problema da ética universal, e estes são apenas dois de muitos exemplos.

Admitamos, desta forma, que a prática de uma ética universal será a solução para que vivamos num mundo de paz e harmonia. Se o problema da discórdia fosse resolvido e se todos fossemos defensores de uma ética universal, o problema ficaria resolvido, pois “Falar de ética nos dias de hoje é falar sobretudo de justiça, isto é, de princípios, das condições e dos conteúdos suscetíveis de definir uma sociedade justa. Reconhecemos, além disso, que, em si mesma, a justiça é um bem transcultural.” (ROCHA, 2000: 82). E viver numa sociedade justa é reconhecer e respeitar a integridade de cada um, mas num mundo de diferentes culturas e

civilizações, em que cada uma delas toma como moral, aquilo que é socialmente aprovado dentro da própria cultura, como será isso possível?

Uma vez que diferentes culturas partilham de ideias e costumes diferentes, é necessário encontrar um ponto comum, que faça com que todas elas possam comunicar, sendo “mister que se compartilhe uma base mínima comum. Dado tratar-se de sujeitos de diferentes culturas, essa base só pode ser transcultural, e tem que estar presente nas distintas figuras do mundo que se contrapõem, tendo como pressuposto a satisfação dos bens básicos” (ROCHA, 2000: 88). Ora, sendo que uma cultura não é uma maneira uniforme da vida, desde a sua origem à sua decadência e uma vez que as sociedades devem estar abertas à mudança, “há a possibilidade duma “moral critica” suscetível de pôr em questão as normas e valores comumente aceites” (ROCHA, 2000: 87).

Daqui resulta que tem de haver uma ética universal, resultante do diálogo entre culturas, em que todas pretendem assegurar um conjunto de bens comuns, e desta forma todos os povos devem colaborar. A justiça não é negociável e ao contrário do que defendem os opositores de uma ética universal ela é “transcultural e não obsta à conservação das diversidades culturais” (ROCHA, 2000: 82).

No entanto, a aplicação de uma ética igual para todos não será uma tarefa fácil:

Primeiro, porque as fronteiras entre os deveres da justiça e os bens da felicidade não são tão claros como possa parecer à primeira vista; segundo, porque os conteúdos da justiça têm-se historicamente ampliado; terceiro, porque se a justiça é prioritária – como cremos - , os modos ou os meios de a impor podem ser diferentes, e há que escolher aqueles que menos afetem a preservação dos bens culturais (ROCHA, 2000: 83).

Concretizar uma ética universal num mundo pluricultural não será um caminho fácil a percorrer, pois acarreta consigo enormes dificuldades e tensões, mas nada é impossível, além disso “Os universais existem se existe alguma porção de humanidade” (ROCHA, 2000: 83).

2.3.3.1 Educação e diversidade cultural – Os desafios da contemporaneidade

A relação entre educação e cultura é desde a antiguidade intrínseca: “Desde a noção grega antiga da *Pandeia* até à noção alemã moderna de *Bildung*, os laços entre educação e cultura são intimamente demarcados” (GALLO, 2015: 314). No entanto, esta ligação era aprendida a partir de uma perspetiva “interior”, isto é, a partir de uma determinada cultura, uma vez que não existia contacto entre culturas e caso existisse o *outro* era desprezado – o *bárbaro*.

Com a globalização o mundo contemporâneo passou a uma pluralidade cultural, existindo um contacto eminente entre culturas, implicando que esta relação passasse a um registo “exterior”. Agora, educação e cultura deixam de estar isoladas ao seio vivente e é necessário repensá-las ao mundo múltiplo, uma vez que “No mundo da diversidade e da multiplicidade de culturas, o paradigma que ensejou as noções de *Pandeia* e *Bildung* parece já não ser operacional” (GALLO, 2015: 315).

O contacto de identidades culturais no mesmo espaço-tempo faz-nos interrogar na forma como educar, ou seja, urge a problemática de como organizar uma vida comum com o *outro* que é radicalmente diferente do *eu*?

René Schérer (2004) propôs trabalhar este problema da contemporaneidade com a exploração do conceito de hospitalidade

Na construção conceitual da hospitalidade, que significa a receção do outro em sua alteridade absoluta, uma vez que ele não precisa tornar-se igual a mim para habitar comigo, o filósofo francês afirma, ao contrário um devir-outro que está nela implicado: a hospitalidade não é marcada pelo reconhecimento do outro (que significa recolhê-lo na identidade), mas por um devir-outro daquele que acolhe, ou o reconhecimento não passará de uma “palavra oca”, vazia de sentido¹⁰ (GALLO, 2015: 316).

Assim, o *outro* não deve apenas ser reconhecido, mas antes acolhido e reconhecido por um devir-outro, pela sua alteridade.

É pela educação na qual hoje em dia a escola tem um papel fundamental que o problema da contemporaneidade pode começar a ser solucionado, uma vez que, sendo esta um espaço onde se educa para o futuro, o professor deve orientar o aluno na procura dessa *utopia ética*: “A procura de valores inalcançáveis é uma procura constante, que deve ser feita, e é na

¹⁰ Cf. Schérer, 2005, p.143-144.

educação/escola que essa procura deve começar” (CUNHA, 2014: 19). Sendo o valor da diversidade e conseqüentemente a liberdade de primazia, pois através destes, o ser humano alcança a justiça, igualdade, verdade, amizade, solidariedade, valores estes intrínsecos à essência humana. Assim, o professor tem um papel fundamental, uma vez que, a sua prática e os valores transmitidos irão influenciar gerações futuras. Foi com este intuito, com esta preocupação e consciencialização que me lancei ao desafio de trabalhar a questão *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?*, pois “no mundo do relativismo, desprovido de valores universais, a escola é o local possível para a coexistência multicultural e para a aceitação do outro no plano axiológico” (CUNHA, 2014: 22).

3. O PROJETO POSTO EM PRÁTICA

3.1 A estrutura das aulas

O projeto *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* foi posto em prática nas turmas do 10º/1 e 10º/2 do Externato de Vila Meã, iniciando-se com uma fase de observação, que ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2014, e posteriormente, com a fase de implementação decorrido no período de janeiro a abril de 2015, lecionando 19 aulas de 90 minutos¹¹.

Com as duas turmas, abordei as seguintes unidades programáticas: 2. Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa; 2.1. Valores e valoração - a questão dos critérios valorativos; 2.2. Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas; 3. Dimensões da ação humana e dos valores; 3.1. A dimensão ético-política - Análise e compreensão da experiência convivencial; 3.1.1. Intenção ética e norma moral; 3.1.2. A dimensão pessoal e social da ética - o si mesmo, o outro e as instituições; 3.1.3. A necessidade de fundamentação da moral - análise comparativa de duas perspectivas filosóficas; 3.1.4. Ética, direito e política - liberdade e justiça social; igualdade e diferenças; justiça e equidade.

As aulas que lecionei seguiram, quase sempre, a mesma estrutura. Num primeiro momento, apresentava aos alunos as diferentes teorias filosóficas. Não obstante, como já referi, não se tratava apenas de um momento de exposição perante uma plateia consumidora, mas antes um momento em que os alunos, além de compreender os problemas filosóficos em causa, fossem participativos, de forma a se estabelecer ligação com o segundo momento de aula, onde, depois de compreendidas as teorias dos filósofos, era tempo de os alunos “filosofarem”. Nesta parte da aula, através de imagens, questões, vídeos e análises de textos, eram levantados os problemas filosóficos e, a partir daí, instaurada uma atmosfera de pensamento, onde se criavam verdadeiros cenários de debate, manifestando a autonomia e crítica fundamentada por parte dos alunos, momentos esses que ambicionei na criação do meu projeto, e que foram satisfatoriamente alcançados.

Tanto no primeiro como no segundo momento, o método dialógico foi primordial.

¹¹ Segue em anexo 3 os sumários das aulas lecionadas.

As aulas que lecionei iniciavam-se sempre com a chamada e registo de sumário e só depois dava início à leção da matéria. Inicialmente esclarecia aos alunos as dúvidas a respeito da matéria da aula anterior, seguidamente, de forma aleatória, mencionava números (de 1 a 30) ao qual o aluno correspondente respondia à minha questão, de forma a conciliar a matéria lecionada na última aula. Após tudo isto, desenvolvia, por assim dizer, os conteúdos da aula a decorrer, fazendo a relação lógica com a matéria já abordada. A minha convicção é a de que trabalhando desta forma, os alunos apercebiam-se da didática da filosofia e por isso lhe começavam a atribuir um sentido prático. Era neste primeiro momento que aprendiam a história da filosofia.

Depois do tema da aula ser exposto, convidava os alunos a debatê-lo recorrendo a exemplos práticos e atuais, através da observação de documentários e filmes, análise de artigos de jornais e revistas, imagens etc. Colocavam-se questões sobre a tese filosófica defendida e qual a posição que tinham sobre a mesma, o que permitia envolvê-los diretamente nas questões filosóficas, sendo capazes de fazer a analogia dos problemas filosóficos com as vivências do seu quotidiano e ao fim de algumas sessões tomaram consciência de que a filosofia não era mais aquela disciplina “chata” que para nada servia, mas que era imprescindível à humanidade.

Como referi, as aulas seguiram, quase sempre, a estrutura mencionada anteriormente¹², pois ao longo da fase da observação e principalmente aquando a minha leção observava que os alunos se identificavam com esta metodologia. Sendo as duas turmas do Curso de Ciências e Tecnologias em que maioritariamente os alunos atribuem um sentido útil ao conhecimento, o facto de no primeiro momento de aula ensinar história da filosofia e num segundo momento aplicá-la a problemas práticos, dando a liberdade aos alunos de filosofar, fazia com que estes se interessassem e mostrassem bastante vontade de aprender, refletindo-se na sua participação.

Mas como, a meu ver, ensinar filosofia e a filosofar, vai para além de um rígido programa e consequentes planificações e metodologias, foram várias as atividades realizadas, fora do contexto sala de aula, com os alunos ao longo do estágio. A seguir, passo, então, a ilustrar algumas das aulas e atividades realizadas ao longo do estágio.

¹² Segue em anexo 4, um exemplo de uma planificação de aula.

3.1.1 Filme: *Os Maias*¹³

Na atividade pedagógica considero que a interação entre disciplinas é fundamental, pois permite que os alunos não tenham uma visão fechada de cada disciplina, e percebam que elas se complementam.

Assim, ao longo do estágio participei em algumas atividades interdisciplinares.

A disciplina de Português não foi exceção, tendo-me disponibilizado para ajudar a Professora Olga Carvalho para a organização da visita ao cinema com os alunos do ensino secundário.

No dia 9 de janeiro de 2015, no Cineteatro Raimundo Magalhães, em Vila Meã, os alunos assistiram ao filme *Os Maias* de João Botelho, no final do qual, eu e a professora Olga Carvalho, provocamos nos estudantes uma espécie de discussão, no sentido de refletirem sobre a crítica social que a respetiva obra contém. A atividade foi produtiva uma vez que os alunos partilharam e defenderam ideias relevantes e conseguiram chegar à mensagem iminente crítica que Eça de Queirós quis transmitir aquando a publicação da monumental obra *Os Maias* – através da ironia caricaturou diferentes grupos sociais, ideias, mentalidades, concepções do mundo, políticas e costumes.

É, ainda, de salientar, uma vez que ao longo do estágio recorri à visualização de excertos de filmes e documentários, que tentei fomentar a forte relação entre cinema e filosofia. A relação (cinema e filosofia) resulta e faz com que os alunos se sintam atraídos por problemas filosóficos. Propus-lhes, por isso que em casa vissem um filme para comentar nas próximas aulas as mensagens filosóficas que continham. Entre os filmes escolhidos contaram-se *Matrix*, *O clube dos Poetas Mortos*, *Truman Show*, foram alguns dos exemplos.

3.1.2 Parlamento dos Jovens¹⁴

Sendo o Externato de Vila Meã uma escola ativa são muitas as atividades realizadas ao longo do ano, como o Parlamento dos Jovens.

Aquando a minha presença como Professora Estagiária no Externato de Vila Meã tomei conhecimento da atividade, desde logo mostrei o interesse de aplicá-la ao meu Projeto de

¹³ Segue em anexo 5 a planificação.

¹⁴ Segue em anexo 6 a planificação.

Intervenção disponibilizando-me totalmente para tudo o que fosse preciso para por a atividade em prática. Assim, juntamente com as Professoras de Filosofia, Cristina Aparício e Carla Pinteus, organizei a atividade para que os alunos do ensino secundário pudessem participar e conhecer as regras do debate democrático.

Começamos por divulgar, no dia 3 de novembro, a atividade junto dos alunos e o tema a ser debatido - “Ensino público e privado: que desafios?”. Após a divulgação, no dia 11 de novembro, os alunos interessados inscreveram as suas listas e respetivas medidas a defender. Ao longo de todo este processo disponibilizei-me para ajudar os estudantes a prepararem o debate, em momentos de grande diálogo e partilha de ideias. Posteriormente, através de votos foram selecionadas três listas para o debate na Biblioteca do Externato de Vila Meã. No dia 12 de Janeiro de 2015 com a presença da deputada Maria José Castelo Branco, os três grupos debateram as suas teses, criando-se um verdadeiro cenário de debate.

A atividade mostrou-se bastante produtiva e foi possível que os alunos estimulassem a sua criatividade e pensamento crítico. Na minha opinião, este tipo de atividades são importantes e necessárias, uma vez que através delas os alunos interagem, colocam questões e discutem problemáticas, estimulando-os para a participação social.

3.1.3 A aula de Testemunhos¹⁵

Como tinha proposto, aquando o meu plano de intervenção, decidi dedicar uma aula de 90 min para abordagem de debate e testemunhos¹⁶. Assim, defini com os alunos do 10º 1 que no dia 11 de fevereiro e com os alunos do 10º2 no dia 12 de fevereiro de 2015 lhes daria autonomia para dirigirem a aula.

Combinei com os estudantes que poderiam trazer o material que achassem mais adequado e que o objetivo da aula era discutir problemas relacionados com a matéria que estávamos a abordar, nomeadamente “Os Valores”. Até esta data esclareci algumas dúvidas que iam expondo e ajudei-os na procura de material. Embora tivesse algum receio, a aula mostrara-se mais produtiva do que eu esperava. Tanto o 10º1 como o 10º2 empenharam-se e o balanço final desta atividade foi muito positiva.

¹⁵ Segue em anexo 7 a planificação.

¹⁶ Inicialmente a aula tinha como objetivo reunir alunos de diferentes etnias e religiões do Externato de Vila Meã. No entanto, com o aproximar da data, da pouca heterogeneidade de alunos, estes não se quiseram expor, pelo que, juntamente com as minhas turmas de estágio 10º1 e 10º2, realizamos uma simulação, em que os alunos assumiram diferentes papéis.

Os alunos centraram-se, sobretudo, em notícias que foram recolhendo ao longo dos dias, cujo conteúdo foi tema de debate. Em grupo ou individualmente assumiram diferentes nacionalidades, etnias e religiões, que consequentemente revelaram e foram defendidos diferentes ideais e costumes.

A partir das diferentes posições defendidas pelos alunos foram debatidos temas, tais como, a mutilação feminina, o infanticídio e o genocídio.

O objetivo da aula não era, na sua totalidade, focado no bom uso da retórica, uma vez que ainda há um caminho longo a percorrer, mas sim, provocá-los para problemas que muitas vezes lhes parecem “adormecidos”. À medida que iam trocando ideias, tive sempre o cuidado de os alertar para as falácias que, inconscientemente iam cometendo, mas como disse, além de estarem bem preparados, o objetivo central era interpretar o mundo contemporâneo à luz da matéria estudada, nomeadamente, o problema da justificação dos juízos morais.

Ainda nesta atividade, refletiram sobre questões, como: *Como avaliar em caso de conflito de valores o correto e o incorreto? Se as normas morais são culturais teremos legitimidade para impor os valores de uma sociedade em detrimento dos de outra? Se os valores são padrões culturais, como se poderá fazer o diálogo entre culturas? A Declaração Universal dos Direitos Humanos expressa factos morais, ou reflete simplesmente os padrões morais das sociedades que os subscrevem?*

Este foi, entre outros, um dos exemplos representativos daquilo que pretendi na sala de aula: que os alunos trouxessem para fora da sala de aula o “saber apreendido” e fizessem dele uma aplicação direta, isto é, que fossem capazes de o transformarem em “saber prático”.

3.1.4 Exemplo de aula: Immanuel Kant *versus* Stuart Mill¹⁷

Um outro exemplo duma aula bastante dinâmica foi a comparação da ética deontológica com a ética consequencialista, de Immanuel Kant e Stuart Mill, respetivamente.

Após o estudo das duas teorias em sessões anteriores, as aulas de dia 18 e 19 de março de 2015 destinaram-se à síntese e respetivas objeções às duas teorias éticas. Assim, na aula antecedente, atribuí aos alunos como tarefa de casa procurarem as objeções às teorias e tomarem uma posição pessoal.

¹⁷ Segue em anexo 8, algum do material utilizado na aula.

A aula iniciou-se com uma breve recapitulação das aulas antecedentes para perceber o que tinham apreendido das duas éticas estudadas. Depois de lembradas as teorias, foi a vez de exporem as objeções que tinham encontrado para as duas concepções éticas, tendo-se instalado um verdadeiro debate que tanto ambicionava, aquando exercesse o meu estágio. Eram expostas ideias, das quais muitos argumentavam a favor e outros contra, eram lançados exemplos práticos contra e a favor da tese, o que fez com que tivesse a certeza que o propósito que quis passar desde o início da minha lecionação tinha sido transmitida. Enquanto moderava o debate dentro da sala de aula, senti um forte sentimento de superação e de conquista. Considero que para existir sucesso é necessário um projeto, um programa, uma metodologia, pois caso contrário corremos o risco de cair no abismo, mas louvo a espontaneidade e impulsividade que ocorre quando entregamos uma aula nas mãos dos alunos.

3.1.5 Visita à Assembleia da República¹⁸

A visita à Assembleia da República foi outra atividade em que participei com as turmas de estágio. Esta atividade já é frequente por parte do Externato de Vila Meã, no entanto, destina-se apenas a alunos do ensino secundário do curso de Economia e Humanidade.

Assim que soube da iniciativa propus-me colaborar e levar à Assembleia da República as turmas de estágio, que sendo do curso de Ciências e Tecnologias não participavam na visita. Realizei, então, com a minha Orientadora de Estágio, Professora Carla Pinteus, as várias etapas da visita e no dia 20 de Abril de 2015 partimos para a Capital.

Os objetivos da visita foram, sobretudo, conhecer o funcionamento da Assembleia da República, as funções que desempenha e a sua relação com os demais Órgãos de Soberania. Pretendia-se que os alunos desenvolvessem valores democráticos; valorizassem o empenho cívico dos políticos; percebessem a importância do posicionamento da sociedade civil na desagregação do regime autoritário; expandissem o espírito de cidadania e dos valores democráticos.

Ora, o projeto de intervenção ia de encontro a todos estes objetivos, tendo por finalidade, desenvolver a participação social, questionar os valores e promover debates, tornando os alunos cidadãos ativos e criadores duma sociedade crítica e autónoma. Não posso, ainda, deixar de referir, que o entusiasmo dos alunos pelo debate, depois da visita, se refletiu na

¹⁸ Segue em anexo 9 a planificação.

viagem de regresso a casa e nas aulas seguintes, tendo os alunos dialogado sobre diversos temas políticos.

3.1.6 Visita de Estudo a Templos Sagrados¹⁹

Para além do contexto sala de aula, como já referira, foram várias as atividades que realizei ao longo do estágio, e as Visitas de Estudo são exemplo disso.

Pretendia, juntamente com o grupo de EMRC do Externato de Vila Meã, visitar a Mesquita de Lisboa e o Santuário de Fátima, para que existisse um contacto direto entre diferentes religiões e daí resultasse uma reflexão profunda sobre o *eu* e o *outro*.

No entanto, por diversos motivos, a visita acabou por não ser aprovada, acabando por não se realizar. Mas como um projeto também é feito de obstáculos e desafios, juntamente com o Professor de EMRC Vítor Teixeira, a situação foi contornada. Assim, no dia 11 de junho os alunos deslocaram-se à Cidade Invicta para visitar a Igreja dos Grilos e a Torre dos Clérigos, tendo ainda tempo de explorar a Livraria Lello, um espaço onde o conhecimento transparece.

Foi um dia bastante produtivo, pois foi possível que os alunos interpretassem produções culturais sobre as grandes tradições religiosas e compreendessem a função da religião na vida pessoal e coletiva, bem como a aspiração do ser humano à relação com a transcendência.

Apesar da dimensão religiosa não fazer parte da planificação anual de filosofia do Externato de Vila Meã, na minha opinião, o contacto direto com diferentes religiões faz com que os alunos percebam comportamentos e vivências do *outro*, podendo interpelar produções culturais sobre as grandes tradições religiosas. Ora, sendo que ao longo do projeto de estágio, junto das minhas turmas, foi tratada a diversidade cultural no mundo, a dimensão religiosa e consequentes comportamentos, não poderia ficar de parte.

¹⁹ Segue em anexo 10, a planificação.

4. AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para aferir se a implementação do projeto de estágio foi bem sucedida, recorri não só à observação direta, como também à elaboração de um inquérito por questionário²⁰ com as duas turmas onde foi aplicado.

Primeiramente, com o desenrolar das aulas apercebia-me que o estereótipo negativo que as duas turmas traziam da filosofia ia sendo abandonada e a cada aula se mostravam mais inquietos e curiosos. Das diversas abordagens que ia tendo com os alunos, notei que inicialmente eram acompanhados pelo pensamento de que a disciplina de filosofia era menos importante que muitas outras, e além disso que não era útil nem prática. No entanto, à medida que as aulas decorriam a opinião dos alunos modificava-se, verifiquei isso ainda na fase de observação do estágio, mas principalmente aquando da lecionação, talvez pela proximidade com eles.

Possivelmente pela opinião de senso comum transmitida e pelo pensamento formatado que os alunos trazem a respeito das ciências e tecnologias e a desrespeito das ciências humanas, os alunos não mostravam grande interesse pela filosofia. Mas como disse, à medida que as aulas avançavam o interesse parecia despertar. E quando menos esperava via alunos com vontade de aprender, com vontade de saber mais, brotando críticas fundamentadas. Estou convicta que este despertar se deu quando perceberam que a filosofia, afinal, é útil e indispensável, pois, como muitas vezes disseram “é possível aplicá-la no dia-a-dia” e “reflete as nossas ações.”

A meu ver, esta consciencialização deveu-se àquilo que fui fazendo ao longo do estágio profissional – mais do que ensinar história da filosofia deixar os alunos filosofar, aplicando teorias de diversos filósofos a temas contemporâneos, abordagem esta que faz com que alunos com 15 anos se interessem.

A ética e o multiculturalismo foram os temas mais debatidos ao longo das aulas, pois além de o projeto ir de encontro às unidades programáticas que lecionei, eram temáticas bastante atrativas, que levavam o estudante à consciencialização que, de facto, a filosofia trata de problemas práticos do nosso quotidiano. No mundo em que vivemos, é necessário repensar

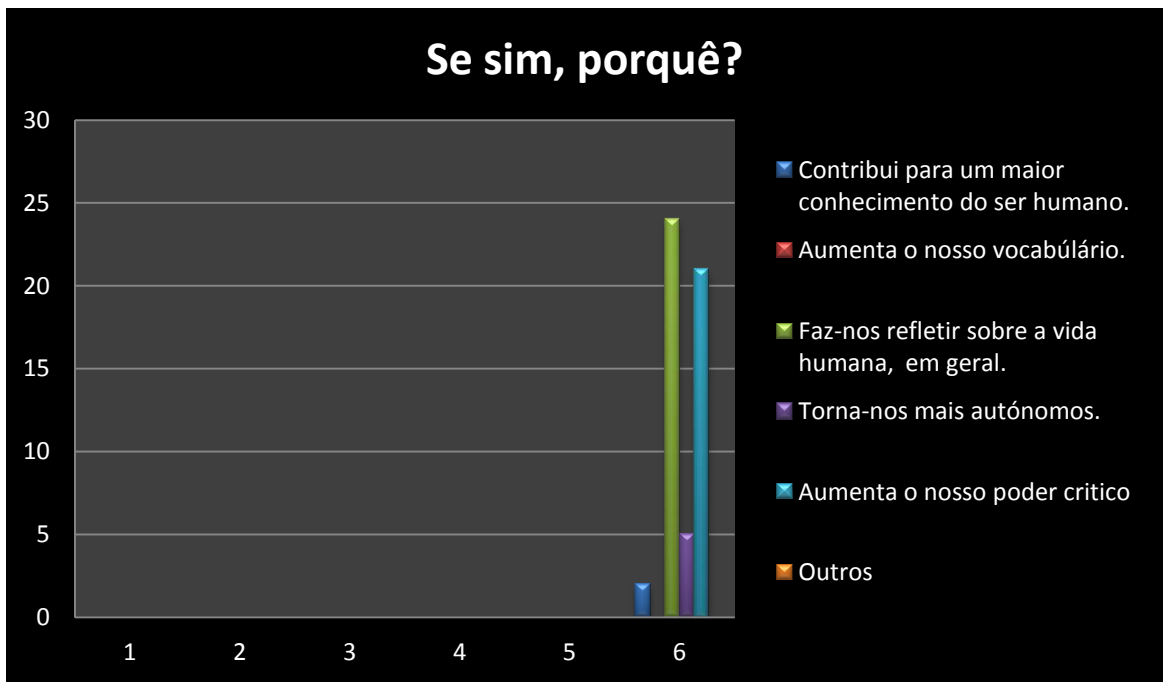
²⁰ Segue em anexo 11 um exemplar.

todos os nossos atos e refletir todo o comportamento em comunidade, e a escola é o melhor espaço para por isso em prática, pois é o local onde se formam cidadãos.

Para além da observação direta, realizei um inquérito por questionário para obter a opinião dos estudantes e fazer uma leitura do nível de cultura geral que possuíam; de que forma relacionam a filosofia com a vida prática; que importâncias lhe atribuem; a que nível, na opinião dos alunos, esta pode intervir e estar presente no nosso dia-a-dia; entre outros. Antes da prática letiva, para adequar a minha lecionação às suas preferências, tentei perceber que tipo de aulas preferiam e o que mais gostavam num professor, para assim adequar a minha lecionação às suas preferências.

Este estudo, em complementaridade, com todo o percurso feito ao longo do estágio, permitiu-me construir uma ideia sobre a eficácia do projeto que decidi por em prática. Os gráficos que se seguem mostram as respostas obtidas às questões que considero mais pertinentes à avaliação da minha prática pedagógica. O inquérito foi respondido por 54 alunos de ambas as turmas (inicialmente as duas turmas tinham um total de 58 alunos, mas 4 mudaram de curso).





Como podemos constatar, a partir dos resultados dos inquéritos, a maioria dos alunos considera que a Filosofia tem utilidade (52 em 54).

Atribuindo a sua utilidade à capacidade de nos *fazer refletir sobre a vida humana, em geral* (24); *Aumenta o nosso poder crítico* (21); *Torna-nos mais autónomos* (5); *Contribui para um maior conhecimento do ser humano* (2), sendo que nenhum dos inquiridos lhe confere o *Aumento do nosso vocabulário*, ou outro.

Para perceber qual o papel que a disciplina tem no quotidiano, interoguei:



47 dos 52 alunos responderam “sim”, pelo que posso concluir que têm uma visão positiva no que concerne à relação da filosofia com o mundo, tema este que foi bastante trabalhado ao longo das aulas.

Já após o fim da minha lecionação, numa última aula, passei a segunda parte do inquérito para perceber se a opinião dos alunos acerca da disciplina tinha mudado, e se sim em que aspetos. Nesta parte, tentei ainda analisar se as matérias estudadas ao longo da minha intervenção tinham sido aprendidas e se os estudantes foram capazes de as assimilar. Assim, foram apresentadas quatro questões, e passo a ilustrar duas delas:

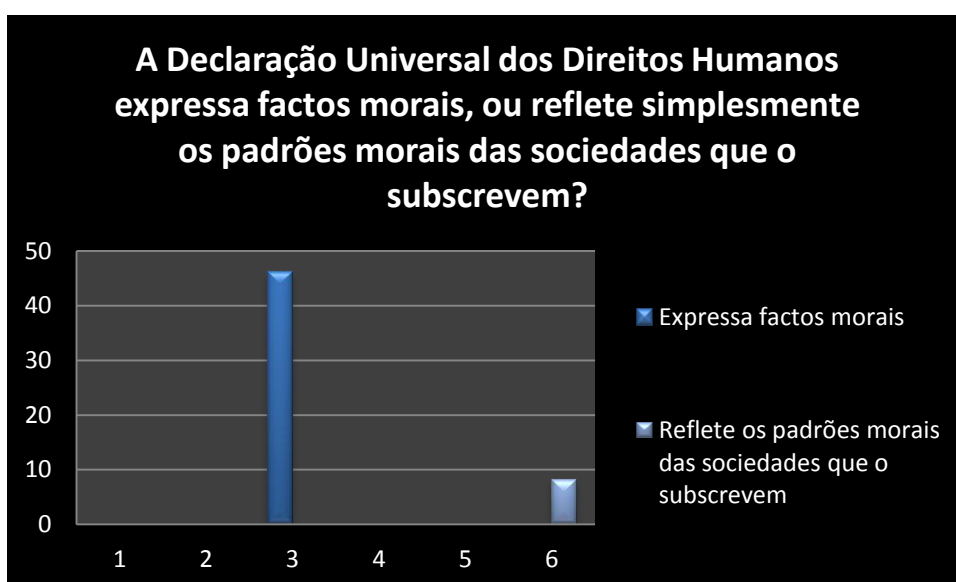


Após a minha lecionação do tema que me propus trabalhar (*Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?*) questionei os alunos sobre o possível diálogo entre culturas, sendo que 37 deles consideram ser possível o diálogo entre culturas e 16 respondem à questão de forma negativa. Uma vez que se trata de uma questão aberta, várias foram as respostas dadas pelos estudantes, no entanto, destaco 4 delas, 2 à resposta “sim” e 2 à resposta “não”. “Sim, é possível o diálogo entre culturas. Porque só assim é possível paz no mundo, e mais cedo ou mais tarde a humanidade vai se aperceber disso.” “Sim, o diálogo entre culturas ainda que seja difícil é possível. As pessoas devem-se mentalizar disso e os governantes das diferentes culturas, devem tomar medidas para que exista a partilha de informação entre as culturas.” “Não, penso que não seja possível esse diálogo. Vivemos num mundo de valores relativistas e

nunca vamos aceitar a opinião do outro, em determinados assuntos. O ocidente e o oriente jamais se ouvirão.” “Não, o diálogo entre culturas não é possível. Adorava que isso fosse possível, mas cada vez mais se torna difícil. Exemplo dessa falta de diálogo é o terrorismo que se passa na Europa e que jamais será resolvido. Os Muçulmanos continuarão a achar que estão certos e os nossos exércitos continuarão a invadir o terreno deles.”

Estes são 4 exemplos de respostas, entre muitas, à pergunta “Consideras possível o diálogo entre culturas?”. Ao longo do meu estágio trabalhei juntamente com as duas turmas estas questões de modo a refletir e consciencializar do nosso papel no mundo.

Interroguei-os, ainda, sobre:



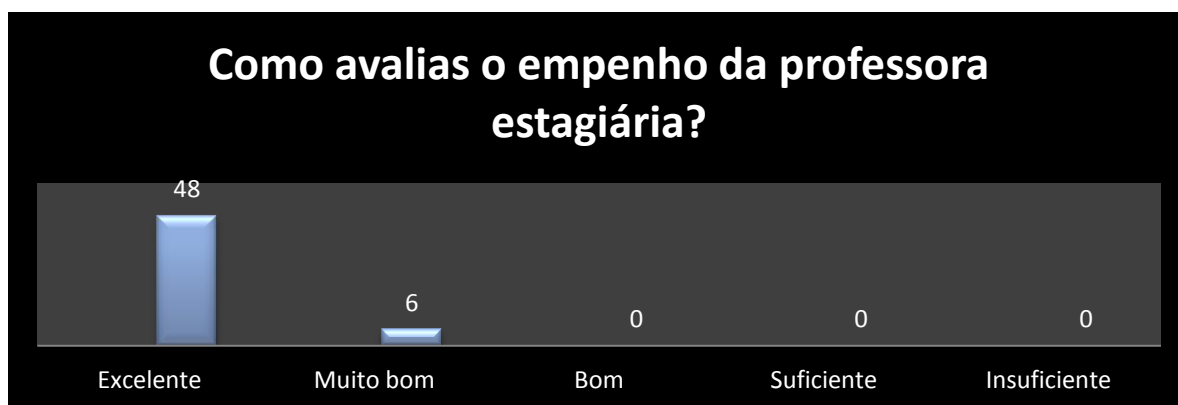
46 dos alunos questionados afirmam que A Declaração Universal dos Direitos Humanos expressa factos morais, apenas 8 dos alunos dizem refletir os padrões morais das sociedades que a subscrevem. Dado que esta questão foi bastante debatida ao longo do estágio, daqui posso concluir que os alunos, maioritariamente, assumem que a Declaração dos Direitos Humanos é composta por valores objetivos e que em nada depende das sociedades que a subscrevem, uma vez que, como alegaram durante as aulas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos expressa os direitos universais que não podem ser violados, independentemente da cultura que estamos inseridos, uma vez que quem não os aceita e não os cumpre é desprovido de um senso de humanidade.

Deste inquérito fazem parte outras questões, no entanto, aqui, apenas ilustro aquelas que considero mais pertinentes para a avaliação da prática pedagógica, concluindo com satisfação que o projeto foi bem recebido pela maioria dos estudantes.

É agora vez de avaliar a opinião dos alunos em relação ao meu desempenho profissional. No início da minha prática pedagógica, no inquérito por questionário sobre a condição socioeconómica dos alunos do 10º1 e 10º2, questionei os estudantes sobre o *tipo de aulas que preferiam e o que gostavam mais num professor*, de modo a adequar a minha lecionação ao tipo de gostos dos alunos, para que existisse uma maior motivação e interesse por parte destes. De forma geral, os estudantes preferem aulas dinâmicas, onde exista interação; que possam ser eles mesmo a conduzir a aula; que se criem momentos de descontração; que a aula não seja demasiado expositiva; e que sejam utilizados diferentes materiais para que as aulas não se tornem exaustivas.

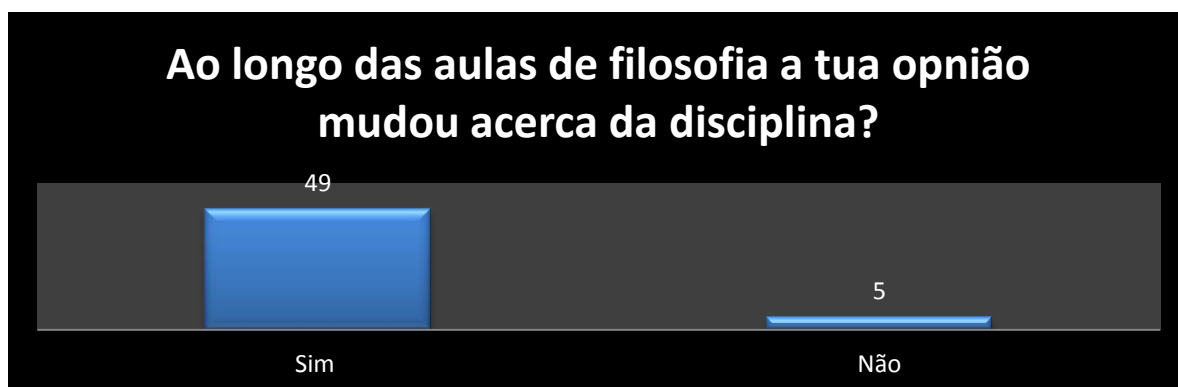
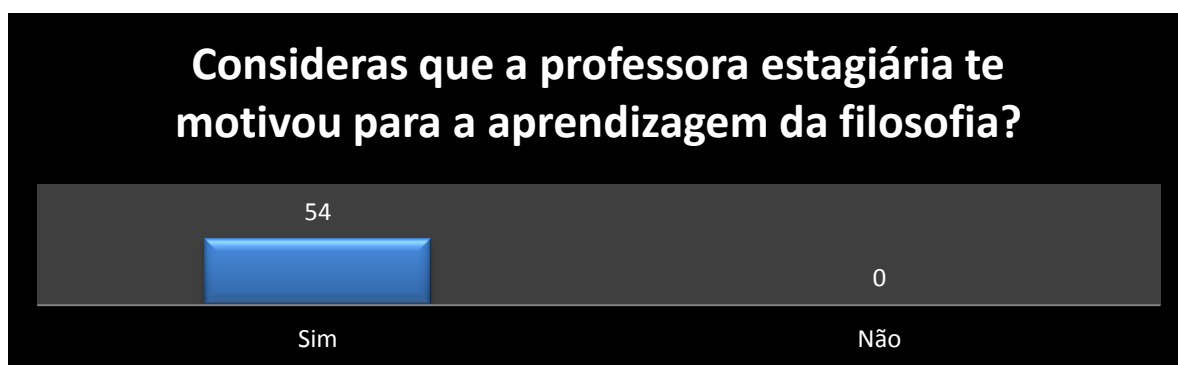
Em relação ao perfil do professor, assumem gostar de um professor simpático, divertido e acessível; que não utilize linguagem rebuscada e que dê a matéria de forma simples; em muitos dos inquéritos se lê que gostam de um professor que explique bem, levando-me a abordá-los sobre o que querem dizer com isso, sendo que exemplificam um professor que explique os conteúdos de forma simples e que lhes dê espaço para exporem as suas dúvidas. Assim, ao longo de toda a minha lecionação tive em conta todos estes pressupostos, para que as aulas corressem da melhor forma e tirasse todo o proveito dos alunos. Isso refletiu-se, não só nas aulas, mas também quando os alunos na parte 3 do inquérito por questionário me avaliaram enquanto professora estagiária.

Passo a apresentar os resultados, desta parte do inquérito:



O gráfico prova que os alunos ficaram bastante satisfeitos com as aulas, uma vez que avaliam o meu empenho em “excelente” e “muito bom”, sendo estes resultados muito gratificantes para quem inicia a vida de professora.

Para investigar se as aulas por mim lecionadas foram motivadoras, coloquei as seguintes questões:



Das respostas posso concluir que como professora estagiária, de um modo geral, motivei os alunos para a aprendizagem de filosofia, ajudando-os a mudar de opinião acerca da disciplina, uma vez que os 54 alunos admitem que foram motivados por mim, para a aprendizagem da filosofia e quando interpelados acerca da opinião que tinham da filosofia 49 dos alunos admitem terem mudado de opinião, apenas 5 continuarão com a mesma ideia.

4.1 Reflexão acerca da prática pedagógica.

Como já referi, o meu percurso de estágio realizou-se com duas turmas, simultaneamente, o 10º1 e o 10º2. Ambas do curso de Ciências e Tecnologias as duas turmas,

inicialmente, pareciam bastante distintas, o 10º1 com alunos participativos, com vontade de aprender e com bons resultados, no entanto, com alguns alunos, ainda que em menor número, onde se notava um desinteresse pela disciplina de Filosofia e o 10º2 uma turma mais homogênea, em que os resultados dos anos anteriores se mostravam muito bons e uma turma que apontava a disciplina de Filosofia como uma das disciplinas de eleição, e isso refletia-se nas aulas.

Inicialmente parecia haver um enorme contraste entre o 10º1 e o 10º2: o 10º1 – os “baldas” e o 10º2 os “marrões” – (importa ressaltar que ambas as turmas tinham alunos com muito bons resultados). Turmas diferentes mas com bom comportamento, embora nem todos manifestassem a mesma vontade de aprender, mostravam-se participativos e interessados. Ao longo do ano o 10º1, inicialmente mais resistente à disciplina de Filosofia, começava a mostrar-se mais interessado, e pouco depois, trabalhar com o 10º1 ou com o 10º2 era igualmente produtivo. Todo este empenho e dedicação dos alunos se deveu, na minha opinião, sobretudo, ao abandono dos estereótipos que traziam com eles, vendo a Filosofia como a tal “disciplina de que com a qual ou sem a qual se permanecia tal e qual”, e ao longo do ano letivo todos começavam a conceber a disciplina como os próprios diziam “que desafia o que pensamos conhecer”, provocando-lhes um querer saber mais, uma posição crítica e reflexiva. Foi esta atitude, juntamente, com a minha vontade de lhes ensinar que fez com que a fase de implementação do projeto e lecionação fosse frutífera.

Posto isto, avalio as minhas aulas de forma bastante positiva, pois, todos os objetivos foram alcançados. Os planos e guiões foram cumpridos e os materiais que elaborei foram todos aproveitados da melhor forma.

Ao longo do estágio, criou-se uma grande afinidade entre professora estagiária e os alunos que se veio a refletir na ordem da sala de aula e que levou a um à vontade por parte dos alunos ao expor as suas dúvidas e ideias.

Concluo, desta forma, que o trajeto do meu estágio não só me realizou pessoalmente, como contribuiu para que os alunos comesçassem a ver a filosofia não como uma disciplina obrigatória e abstrata, mas útil à prática sociocultural, que estimula a reflexão crítica, levando-os a pensar autonomamente. Ora, tudo isto faz com que avalie este percurso de forma muito positiva e que conclua que o meu projeto foi bem-sucedido.

CONCLUSÃO

Quando partimos num mar desconhecido são várias as inquietudes e medos que sentimos quando embarcamos. Foi assim que me senti quando me deparei com o desafio de comandar o meu relatório de estágio, pela primeira vez, entrar numa escola e assumir o papel de professora perante duas turmas estranhas. Entre muitas das preocupações fazia-se sentir a responsabilidade de ensinar alguma coisa, e mais, como ensinar essa tal coisa.

Foi preciso uma imensidão de horas para pensar e repensar qual a melhor forma para fazer chegar a alunos de 15 anos a palavra *Filosofia*, uma vez que muitos deles, quando entraram pela primeira vez numa aula de filosofia, trazem consigo uma visão negativa da disciplina.

Assim, com a ânsia de sucesso parti numa investigação profunda. O que ensinar? Como ensinar? O que pretendo deles? O que pretendem de mim? foram algumas das questões, entre muitas, que fui colocando ao longo da minha investigação. Através do pensamento autónomo e com a ajuda de diversos pensadores tracei a rota a percorrer.

Filosofia, Ética e Multiculturalismo, que relação? foi o título que atribui ao meu projeto de estágio. Com ele pretendi que os alunos abandonassem o estereótipo negativo face à disciplina de filosofia e que mergulhassem num profundo mar filosófico. Além de ensinar história de filosofia, pretendi, sobretudo, ensinar a filosofar. Ambicionei que os alunos fossem capazes de interrogar, capazes de serem críticos e usassem um pensamento autónomo e sustentado.

Leccionei aulas dinâmicas com diferentes materiais e distintas estratégias pedagógicas criando verdadeiros momentos filosóficos, os alunos tinham a oportunidade de expressar as suas ideias e criaram-se espaços de debate e reflexão. O contexto fora da sala de aula também foi prioritário, foram várias as atividades e visitas realizadas ao longo do estágio, para que dessa forma os alunos tivessem um contacto direto com o mundo, já que um dos objetivos primordiais era ajudar a formar futuros cidadãos ativos, quero com isto dizer, alunos críticos, autónomos e abertos à mudança.

Ao longo de toda a lecionação o título *Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?* acompanhou-nos, a mim professora e a eles alunos, pois, mais do que tentar dar uma simples resposta, pretendi consciencializar os alunos para os problemas que nos rodeiam e qual o papel da filosofia na sua solução. Assim, juntamente com as turmas, ao longo do estágio observamos o mundo contemporâneo, em que vivemos, e os problemas que nele presidem. O

multiculturalismo vivente, resultado da globalização dos dias atuais, faz com que o mesmo espaço seja partilhado por diversas culturas e observamos que esta partilha provoca um enorme conflito social. A ética pode atuar neste sentido de nos entendermos melhor, ajudando-nos a refletir sobre o comportamento humano e embarcar para um mundo melhor. Nas aulas proporcionaram-se momentos de interrogação, diálogos prolongados, debates fundamentados, enfim, uma necessária reflexão ética e filosófica emergente nos dias de hoje.

Após tudo isto, concluo que o projeto foi bem-sucedido. Todas as inquietudes e medos iniciais passaram a serenidade e calma, convencendo-me que a carreira de Professora de Filosofia é o meu caminho de navegação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. F. (org.) (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: UAberta.
- ALMEIDA, M. M. (Coord.) (2001). *Programa de Filosofia. 10º e 11º anos. Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- ARISTÓTELES (2001). *Metafísica*, trad. São Paulo: Loyola.
- BERNARD, M. (1994). *Da biologia à ética*. São Paulo: Psy II.
- BUENO, A. (2004). *A resposta de Confúcio ao problema dos direitos humanos*. Recuperado de: http://criticanarede.com/etic_confucio.html
- BUESO, E. (2005). Os Manuais Escolares de Educação Musical: Indicadores de Multiculturalidade e Interculturalidade. *Revista Música, Psicologia e Educação*. Porto: CIPMEM.
- CUNHA, A. (2014). *Multiculturalismo e Educação*. Santo Tirso: Whitebooks.
- ÉPICURE (1982). *Lettre à Ménécée*. Paris, Éd. Fernand Nathan.
- Externato de Vila Meã (2011). *Projeto Educativo – Caracterização do Externato de Vila Meã*. Recuperado de: <http://www.externatovilamea.pt/projeto.pdf>.
- FAUSTINO, V. & VERÍSSIMO, L. (2013). *Projeto Desafios Filosofia 10.º Ano*. Lisboa: Santillana.
- FRAGATA, J. (1967) *Noções de metodologia: para a elaboração de um trabalho científico*. Porto: Tavares Martins.
- FRAGATA, J. (1985). *A filosofia e o saber*. Separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, 42, 1-2.
- FUCK, I. T. (1994). *Alfabetização de Adultos. Relato de uma experiência Construtivista*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- GALLO, S. (2015). A filosofia antropofágica e os desafios contemporâneos da educação: em torno das multiplicidades culturais. *Itinerários de Filosofia da Educação*, 13, pp. 314-325.
- GENSLER, H. (1998). *Ethics: A contemporary introduction*. Routledge. Recuperado de: http://www.criticanarede.com/fil_relacultural.html.
- GENSLER, H. (2004). *Ética e relativismo cultural*. Recuperado de: http://criticanarede.com/fil_relacultural.html
- LOGOS. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, vol. 2 Editora Verbo – Lisboa/ São Paulo.

- OLIVEIRA, R. J, CANEN, A., FRANCO, M. (2000). *Ética, multiculturalismo e educação. Articulação possível?. Espaço aberto.* Recuperado de: http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_08_ESPACO_ABERTO_RENATO_ANA_E_MONIQUE.pdf.
- MANSO, A. (2014). A disciplina de Filosofia no actual contexto curricular do ensino secundário em Portugal, em AA. VV. *Currículo na contemporaneidade: internacionalização e contextos locais.* Braga: CIEd-IE-UMinho, pp. 728-732.
- MANSO, A. (2012). *Da utilidade das coisas inúteis ou porque se deve ensinar filosofia no ensino secundário.* Comunicação apresentada ao 1º Colóquio Filosofia e Ensino da Filosofia. Tradição e Desafios para o Futuro, UMinho-IE, Braga, 7 de Maio de 2012. Recuperado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30596/3/A.Manso.Da.Utilidade.pdf>
- MANSO, A. (2003). O que é Filosofia, o problema da filosofia e a atitude filosófica. *Revista Pensar(es)*, Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia, Peso da Régua, pp. 18-20.
- MEUCCI, A. & FILHO, C. V. (2010). O que “Ensinar Filosofia” quer dizer?. *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*, 76-92. Recuperado de <file:///C:/Users/In%C3%AAs%20oliveira/Desktop/5309-16816-1-PB.pdf>
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “Decreto Lei nº46/86 de 14 de outubro”. Recuperado de: <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1986/10/23700/30673081.pdf>.
- MOREIRA, A. F. B. (2001). Currículo, cultura e formação de professores. *Revista Educar*, n. 17, pp. 39 – 52.
- MOREIRA, A.F.B. (2001). Multiculturalismo, currículo e formação de professores. AA VV *Currículo: políticas e práticas.* Campinas: Papyrus.
- MURCHO, Desidério (2009). *Ética e Direitos humanos.* Recuperado de: <http://criticanarede.com/valoresrelativos.html>
- PANIKKAR, R. (1983). É a noção dos direitos humanos um conceito ocidental?. *Diógenes*, v 5, p.29
- SINGER, P. *O quebra-cabeças da ética.* Recuperado de: <http://criticanarede.com/puzzleetica.html>
- RAGUSO, F. (2006). *O desafio do multiculturalismo: entre a identidade e o reconhecimento: uma leitura a partir de Charles Taylor* (Tese de Doutoramento). UMinho, Braga. Recuperado

de:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9125/1/O%20Desafio%20do%20multiculturalismo.pdf>.

ROCHA, A. (2007). A modo de epílogo. A filosofia, hoje... Desafios do século XXI. *VI Simposio Luso-Galaico de Filosofia*. USCompostela. Recuperado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9344/1/Desaf%C3%ADos%20do%20s%C3%A9culo%20XXI.pdf>.

ROCHA, A. (2000) Relativismo Cultural versus Universalismo Ético. Nrº 7, pp 57-92. Recuperado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8734?locale=fr>

SCHÉRER, R (2004). *Hospitalités*. Paris: Anthropos.

SCHÉRES, R (2005). *Zeus hospitalier. Éloge de l´hospitalité*. Paris: La table

TAYLOR, C. (1994). *Multiculturalismo*. Lisboa: Instituto Piaget.

VIEIRA, R. (1995). Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultura. *Revista Educação, Sociedades & Culturas*, n.º 4, pp. 127- 147

ANEXOS

Anexo 1: Inquérito por questionário sobre a condição socioeconómica dos alunos do 10º1 e 10º2.

Anexo 2: Exemplo de uma Grelha de Observação.

Anexo 3: Sumários das aulas lecionadas.

Anexo 4: Exemplo de uma planificação de aula.

Anexo 5: Planificação da atividade – Filme: *Os Maias*.

Anexo 6: Planificação da atividade – Parlamento dos jovens.

Anexo 7: Planificação da aula – *A aula de testemunhos* e um exemplo de uma notícia analisada na aula.

Anexo 8: Exemplo de uma planificação de aula - Ética Deontológica vs. Ética Consequencialista.

Anexo 9: Planificação da Visita de Estudo - Assembleia da República.

Anexo 10: Planificação da Visita de Estudo – Templos Sagrados.

Anexo 11: Inquérito por questionário sobre a relação entre Filosofia, Ética e Multiculturalismo.

A VIDA ESCOLAR

Gostas de Estudar : SIM Não

Disciplina que mais Gostas Disciplina que menos Gostas

Disciplina com maior dificuldade :

Que tipo de aulas preferes:

O que mais gostas num professor :

Após concluíres o 12º ano preferes : Estudar Trabalhar :

Nº de anos que frequentaste o pré-escolar

Como te deslocas para a escola : A pé: Autocarro Transporte Particular :

Tempo gasto no percurso casa / escola

O ESTUDO / ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Local onde costumás estudar: Estudas Sozinho Acompanhado Ambos

Costumas conversar em casa sobre os estudos e a escola?

Curso / Profissão desejada ?

Como ocupas os teus tempos livres ?

Realizas alguma tarefa extraescolar ?

Problemas de saúde, incluindo eventuais alergias:

Tens Computador : Sim Portátil Fixo Não Tens Internet: Sim Não

Gostas de Ver TV: Sim Não Gostas de ler: Sim Não

Gostas de Música Sim Não Práticas desporto: Sim Não

Nr de refeições por dia Tomas pequeno almoço ? Sim Não

Horários das refeições:

A que horas te deitas? Nr de Horas que dormes:

OBRIGADO

ANEXO 2: Exemplo de uma Grelha de Observação.

A grelha que se segue tem em vista avaliar o conhecimento e a sensibilidade dos alunos a temas subjacentes ao multiculturalismo e à ética, demarcando-se, desta forma, como um instrumento essencial ao projeto de estágio que estou a desenvolver e que tem como objetivo chegar a uma, ou mais respostas, à questão “Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?”

A avaliação do conhecimento dos alunos aos temas é feita numa escala de 0 a 5: 0(Nula); 1(Insuficiente); 2(Pouco Satisfatória); 3(Satisfatória); 4 (Boa); 5 (Muito Boa).

Temática	Domínio de conceitos implícitos à matéria estudada	Capacidade de relacionamento da matéria lecionada na aula com temas atuais	Qualidade das respostas às questões levantadas sobre as problemáticas estudadas
0 Relativismo moral	4	4	4
0 Subjetivismo moral	4	5	4
0 Objetivismo moral	4	5	4
A Ética deontológica de Kant	3	4	4
A Ética consequencialista de Stuart Mill	4	5	5

ANEXO 3: Sumários das aulas lecionadas por mim no âmbito do Estágio Profissional.

Data	Lições	Sumário
10-12-2014	49 e 50	Entrega e correção do teste de avaliação.
10-01-2014 e 15-01-2014	59 e 60	Os Valores segundo o Relativismo Moral: definição de “relativismo moral”; Os argumentos a favor do relativismo moral – o argumento das diferenças culturais; argumento do juízo parcial; as principais objeções ao relativismo cultural – argumento da intolerância; argumento do conformismo. Análise da notícia – Cerimónia de mutilação genital provoca pavor e lágrimas em meninas no Quênia.
28-01-2015 e 29-01-2015	67 e 68	O Subjetivismo Moral. Definição de “subjetivismo moral”; o subjetivismo -liberdade e autonomia das pessoas; O subjetivismo e a tolerância entre convicções diferentes; Objeções ao subjetivismo moral.
04-02-2015 e 05-02-2015	71 e 72	Continuação da aula anterior. O Objetivismo Moral. Definição de “objetivismo moral”; Análise de casos práticos – o assassinio, o racismo, a excisão e a violação; principais objeções ao objetivismo moral.
11-02-2015 e 12-02-2015	75 e 76	Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?
25-02-2015	83 e 84	A teoria deontológica de Immanuel Kant: Ações por dever e ações conforme o dever.
26-02-2015	83 e 84	A teoria deontológica de Immanuel Kant: O Imperativo Categórico;
04-03-2015 e 05-03-2015	87 e 88	Teste de avaliação.
11-03-2015 e 12-03-2015	91 e 92	A ética consequencialista de Stuart Mill;
18-03-2015 e 19-03-2015	95 e 96	Objeções à ética deontológica de Immanuel Kant e à ética consequencialista de Stuart Mill.
15-04-2015 e 16-04-2015	101 e 102	A teoria como equidade de John Rawls.

ANEXO 4: Exemplo de uma planificação e materiais de aula.



Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

A teoria subjetivista acerca dos valores: valores morais e juízos morais corretos.

Mestranda: Inês Marília Magalhães Oliveira
Supervisor: Professor Dr. Artur Manso
Orientadora: Professora Carla Pinteús
Local/Data: Externato de Vila Meã 29-01-2015

Finalidade da aula:

A aula tem como finalidade dar conhecer aos alunos em que consiste o subjetivismo moral e quais as razões que o sustentam.

As ideias fundamentais a reter são: o que é o subjetivismo moral, o papel do sujeito e a diversidade cultural.

Momentos da Aula:

I. Recapitulação:

Momento para retirar dúvidas da matéria lecionada na aula antecedente.

- 1º Momento- A professora esclarece aos alunos as dúvidas a respeito da matéria anterior.
- 2º Momento- De forma aleatória a professora escolhe números (de 1 a 30) ao qual o aluno correspondente, responde à questão, de forma a conciliar a matéria lecionada na última aula.

II. Desenvolvimento:

- Introdução ao subjetivismo moral – “Serão os juízos de valor subjetivos, como as vezes nos parecem?”;
- Apresentação da teoria subjetivista;
- Exposição dos argumentos a favor do subjetivismo moral;
- Leitura e análise de texto;

III. Conclusão:

- Síntese da matéria.

Escola: Externato de Vila Meã**Docente da Turma:** Inês Oliveira**Data:** 12/02/2015**Turma:**10º2 **Nº de alunos:** 30**Sala:** B9 **Tempo:** 90min**Ano letivo:** 2014/2015**UNIDADE 3****Unidade:** 3.1 Valores e valoração: a questão dos critérios valorativos.**Subunidade:****Sumário**

A teoria subjetivista acerca dos valores: valores morais e juízos morais corretos.

Objetivos

Compreender o que são valores morais e o que são juízos morais corretos segundo o subjetivismo moral;

Definir o subjetivismo moral;

Compreender o subjetivismo moral e as razões a seu favor;

Desenvolver o poder crítico.

Temas/Conteúdos

A teoria subjetivista acerca dos valores: valores morais e juízos morais corretos;

As razões a favor do subjetivismo moral;

Uma avaliação crítica ao subjetivismo moral.

Estratégias

Exposição dialogada;
Interpretação do texto “O Subjetivismo” (segue em anexo);
Análise de casos reais (seguem em anexo- PowerPoint).

Recursos

Manual;
Quadro-interativo;
Computador;
Textos em anexo.

Avaliação

Assiduidade;
Pontualidade;
Observação e registo da avaliação contínua baseada na capacidade de análise crítica, na interpretação dos documentos apresentados e na participação.

Bibliografia

http://criticanarede.com/fil_subjectivismo.html (consultado a 24-01-15)

O subjetivismo moral.

Subjetivismo: “X é um bem” significa “gosto de x”. Escolha os seus princípios morais de acordo com o que sente.

1. Ana Subjetivista.

Chamo-me Ana Subjetivista. Adotei o subjetivismo ao compreender que a moral é profundamente emocional e pessoal. O ano passado frequentei com alguns amigos um curso de antropologia. Acabámos por aceitar o relativismo cultural — a perspetiva de que o bem e o mal são relativos a cada cultura, que "bem" significa "socialmente aprovado". Mais tarde, descobri que o relativismo cultural enfrenta um problema, nomeadamente o de nos negar a liberdade para formarmos os nossos próprios juízos morais. Sucede que a liberdade moral é algo a que atribuo muita importância. O relativismo cultural obriga-me a aceitar todos os valores da sociedade. Admitamos que descobri que a maior parte das pessoas aprova ações racistas; terei então de concluir que o racismo é um bem. Estaria a contradizer-me se dissesse "O racismo é socialmente aprovado embora não seja um bem". Como o relativismo cultural impõe as respostas do exterior, negando a liberdade de pensamento em questões morais, passei a considerá-lo repulsivo.

O subjetivismo sustenta que as verdades morais são relativas ao indivíduo. Se eu gosto de X e você não, então "X é um bem" é verdade para mim mas falso para si. Usamos a palavra "bem" para falar dos nossos sentimentos positivos. Nada é um bem ou um mal em si mesmo, independentemente dos nossos sentimentos. Os valores apenas existem como preferências de pessoas individuais. Você tem as suas preferências e eu as minhas; nenhuma preferência é objetivamente correta ou incorreta. Esta ideia tornou-me mais tolerante a respeito das pessoas com sentimentos diferentes e, portanto, com diferentes crenças morais.

Harry Gensler, John Carrol University, Cleveland, USA.
(Adaptado e traduzido por Luís Rodrigues)

Desenvolvimento da aula (matéria sintetizada)

Em aulas anteriores, estudamos que:

Existem dois tipos de juízos.

Juízos de facto - afirmação que traduz objetivamente a realidade, sem acrescentar qualquer interpretação comentário ou opinião pessoal. (ex. Lisboa é a capital de Portugal.)

Juízos de valor – expressão que exprime uma avaliação feita por um sujeito. Ex. Lisboa é uma cidade bonita.)

Ora, sendo estes últimos uma apreciação feita por um sujeito, e não sendo meramente descritivos, há um debate filosófico acerca da sua natureza.

●Serão os Juízo de valor relativos a uma sociedade? (Relativismo Cultural/Moral)

●Serão os Juízos de valor subjetivos, como as vezes parecem? (Subjetivismo Moral)

●Serão os Juízos de valor objetivos traduzindo certas características dos objetos? (Realismo Moral)

A aula de hoje, tem como finalidade dar a conhecer aos alunos:

Subjetivismo Moral

Teoria que defende que todos os juízos de valor são subjetivos, ou seja, verdadeiros ou falsos exclusivamente em função dos gostos e das preferências de quem os faz – é o sujeito que cria o valor.

Defende que os juízos morais têm valor de verdade, mas não são objetivos. As afirmações acerca do bem e do mal, embora sejam um facto moral, dependem do sujeito que o fazem e, por isso, são subjetivos.

Existem apenas opiniões pessoais e não verdades universais.

Dizer que uma ação é errada é dizer que temos sentimentos negativos, em relação a ela.

Relativamente ao subjetivismo moral dizer que “x é bom” ou “x é moralmente correto” significa dizer “eu aprovo x.”

Argumentos a favor do subjetivismo moral:

1. O subjetivismo torna possível a liberdade.

A distinção entre o certo e o errado não é fruto de imposições exteriores mas do sentimento de cada um.

2. Promove a tolerância entre pessoas com convicções morais diferentes.

Se os sentimentos de uma pessoa não valem mais que os sentimentos de outro, tornamo-nos tolerantes, uma vez que temos que aceitar legítimas as opiniões e as ações que vão conta as nossas preferências.

VALORES E VALORAÇÃO: A QUESTÃO DOS CRITÉRIOS VALORATIVOS

Subjetivismo moral.

- Serão os juízos de valor subjetivos, como às vezes nos parecem?

EXEMPLO 1:

- “Imagine que duas pessoas discutem se devemos cremar ou enterrar os mortos.”
Joana – defende que devemos cremar.
André – defende que devemos enterrar.

Quem é que está certo?



Resposta de um Subjetivista moral:

- O subjetivista moral dirá que cada indivíduo julga a situação a partir do seu próprio código moral.
- Nenhum destes códigos é mais verdadeiro do que o outro.
- Ambos os juízos morais são verdadeiros.

O SUBJETIVISMO MORAL ESTÁ CENTRADO NO SEGUINTE ARGUMENTO:

Premissa: Diferentes indivíduos discordam acerca do que é correto ou incorreto.

Premissa: Não existe um critério objetivo que nos permita distinguir o que é correto do que é errado (**quem tem razão**).

Conclusão: Logo, todos temos razão

SUBJETIVISMO MORAL

- Teoria que defende que todos os **juízos de valor são subjetivos**, ou seja, são verdadeiros ou falsos exclusivamente em função dos gostos e das preferências de quem os faz – **é o sujeito que cria o valor**.
- Defende que os juízos morais têm valor de verdade, mas **não são objetivos**. As afirmações acerca do **bem** e do **mal**, embora sejam um facto moral, **dependem do sujeito que o faz e, por isso, são subjetivos**.

- Existem apenas opiniões pessoais e não verdades universais.
- Dizer que uma ação é errada é dizer que temos sentimentos negativos, em relação a ela.
- Dizer que “x é bom” ou “x é moralmente correto” significa dizer “eu aprovo x.”

RAZÕES PARA ACEITAR O SUBJETIVISMO

1. O subjetivismo torna possível a liberdade e autonomia das pessoas.

A distinção entre o certo e o errado não é fruto de imposições exteriores mas do sentimento de cada um.

2. O subjetivismo promove a tolerância entre pessoas com convicções morais diferentes.

Se os sentimentos de uma pessoa não valem mais que os sentimentos de outro, tornamo-nos tolerantes, uma vez que temos que aceitar legítimas as opiniões e as ações que vão contra as nossas preferências.

O subjetivismo moral dá-nos a impressão que é correto. Mas, será que todas as questões morais se podem resolver de forma tão fácil?

EXEMPLO 2

- “Hitler aprovou o extermínio dos judeus. A sua ação foi correta, de acordo com o seu código moral.”



“O assassinio dos judeus é um bem.” (visto que Hitler gostava de matar Judeus)

OBJEÇÕES AO SUBJETIVISMO

- O Subjetivismo moral permite que qualquer juízo moral seja verdadeiro.
- Segundo o Subjetivismo moral nenhum ponto de vista pode ser considerado moralmente errado.
- Se esta teoria defende que todos os indivíduos têm razão, então também têm razão aqueles que defendem que o subjetivismo está errado. Portanto, é verdade que o subjetivismo está errado.

- O Subjetivismo moral compromete-nos com uma educação moral que consiste em ensinar que devemos agir de acordo com os nossos sentimentos. (Teremos que ensinar às crianças que qualquer tipo de comportamento é aceitável desde que esteja de acordo com os seus sentimentos).

- Se o facto de “gostar de x” for sinónimo de “x é um bem” então, apanhar bebedeiras e magoar pessoas é um bem, por exemplo. Ora, este raciocínio não é correto.

EXEMPLO 1:

- “Imagine que duas pessoas discutem se devemos cremar ou enterrar os mortos.”
Joana – defende que devemos cremar.
André – defende que devemos enterrar.


Quem é que está certo?



Resposta de um Subjetivista moral:

- O subjetivista moral dirá que cada indivíduo julga a situação a partir do seu próprio código moral.
- Nenhum destes códigos é mais verdadeiro do que o outro.
- Ambos os juízos morais são verdadeiros.

ANEXO 5: Visita de Estudo ao Cinema: Filme *Os Maias*

ATIVIDADE	OBJETIVOS	INTERVENIENTES	CALENDARIZAÇÃO	DINAMIZAÇÃO (etapas)	RESPONSÁVEL	RECURSOS
FILME "OS MAIAS" EÇA DE QUEIROS 	<ul style="list-style-type: none"> Motivar para o estudo da obra "Os Maias" (alunos 10º e 11º ano); Consolidar conhecimentos estudados (12º ano); Alargar os horizontes culturais. Calendarizar a data do filme. Informar os encarregados de educação da realização da visita de estudo. Informar o departamento da realização da atividade Informar responsável Centro Cívico do número de alunos. Distribuição dos bilhetes. Assistir ao filme. Avaliar a atividade. 	Alunos do ensino secundário regular e profissional (10º, 11º e 12º ano)	09 janeiro 2015		Olga Carvalho Alfredo Costa	Atas Departament /Área Disciplinar Calendário periódico de atividades
			novembro de 2014	1.ª Etapa: contacto com responsável do Centro Cívico para comunicação com a equipa realizadora do filme e calendarização de uma data.	Olga Carvalho e Engenheiro Oliveira	Telefone Fax
			18 novembro de 2014	2.ª Etapa: Comunicação aos E.E., através de documento próprio, da visita de estudo.	Olga Carvalho Alfredo Costa Inês Oliveira	(EVM-EDU 004/01)
			12 novembro de 2014	3.ª Etapa: reunião de Departamento para comunicar a atividade ao grupo e da data da mesma.	Olga Carvalho Inês Oliveira	(EVM-EDU 118-01)
			dezembro de 2014	4.ª Etapa: confirmação de 315 alunos e 17 professores por telefone.	Olga Carvalho Inês Oliveira	Telefone
			07 de janeiro 2015	5.ª Etapa: Distribuição dos bilhetes pelos alunos e professores participantes.	Inês Oliveira	Bilhetes
			09 janeiro 2015	6.ª Etapa: Realização da visita de estudo: cerca da 13h45, partida a pé para o Centro Cívico; cerca das 14h15, entrada dos alunos para a sala de espetáculos; das 14h30 às 17h00 visualização do filme e regresso à escola.	Olga Carvalho Inês Oliveira	Filme
14 janeiro 2015	7.ª Etapa: Reunião de área disciplinar/Departamento para avaliação da atividade, mediante o documento: Relatório Final de Atividades	Olga Carvalho Inês Oliveira	EVM – EDU 118/00 EVM-EDU 059/00			

ANEXO 6: Atividade – Parlamento dos Jovens

ACTIVIDADE	OBJECTIVOS	INTERVENIENTES	CALENDARIZAÇÃO	DINAMIZAÇÃO (etapas)	RESPONSÁVEL	RECURSOS
Parlamento dos Jovens	Participar e conhecer as regras do debate democrático	Alunos do Secundário	1º e 2º período	1ª Etapa: 21/10 Recepção do convite por parte de IPJ	Carla Pintéus	Espaço do conhecimento
				2ª Etapa: Inscrição da Escola via email	Cristina Aparício	Computador
				3ª Etapa: 03/11 Divulgação (oral) da atividade e do tema aos alunos	Inês Oliveira	Microfone Impressora
				4ª Etapa: 11/11 Recepção dos cartazes de divulgação da actividade/ solicitação (oral) aos alunos para elaboração de listas e respectivas medidas		Máquina fotográfica Fotocopiadora
				5ª Etapa: Debate nas turmas subordinado ao tema "Ensino público e privado: que desafios?"		
				6ª Etapa: Convite à AR para visita de um deputado ao EVM		
				7ª Etapa: 12/01 Debate com a Deputada Maria José Castelo Branco		

ANEXO 7: Planificação da aula – A aula de testemunhos e ilustração de material utilizado.

PLANO DA AULA Nº

FILOSOFIA 10ºano

Escola: Externato de Vila Meã

Turma:10º2 **Nº de alunos:** 30

Docente da Turma: Inês Oliveira

Sala: B9 **Tempo:** 90min

Data: 29/01/2015

Ano letivo: 2014/2015

UNIDADE 3

Unidade: 2. Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa

Subunidade: 2.2. Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas

Sumário

Filosofia, Ética e Multiculturalismo que relação?

Objetivos

Debater problemas relacionados com a matéria estudada em aulas anteriores, nomeadamente *Os valores*.

Interpretar o mundo contemporâneo à luz da justificação dos juízos morais.

Compreender a diversidade e o diálogo de culturas.

Desenvolver o poder crítico.

Temas/Conteúdos

Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa.

Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas.

Estratégias

Exposição dialogada;
Análise de casos reais (através de notícias);
Debate.

Recursos

Manual;
Quadro-interativo;
Computador;
Textos em anexo.

Avaliação

Assiduidade;
Pontualidade;
Observação e registo da avaliação contínua baseada na capacidade de análise crítica, na interpretação dos documentos apresentados e na participação.

Bibliografia

Material recolhido pelos alunos.

Exemplo de uma notícia analisada pelos alunos na “Aula de Testemunhos”.

Cerimônia de mutilação genital provoca pavor e lágrimas em meninas no Quênia

Meninas choram em cerimônia de mutilação genital no Quênia. Veja imagens feitas por um fotógrafo que acompanhou o passo-a-passo do ritual. As imagens fortes revelam um pouco do que deve ter sentido cada uma das meninas da tribo Pokot que participou do ritual de mutilação genital de um vilarejo rural em Baringo, no Quênia. A mutilação genital feminina é uma prática que consiste em retirar parte ou todo o órgão sexual de mulheres e crianças. Nos casos mais extremos, a mutilação total é realizada nos lábios vaginais e clitóris (processo chamado infibulação). A ONU estima que, hoje, 150 milhões (eram 129 milhões no início do ano) de mulheres ao redor do mundo sofrem ou já sofreram com a prática. Embora a ‘tradição’ tenha sido declarada ilegal em muitos países africanos – o Egito é um exemplo – ela ainda sobrevive em comunidades menores e famílias. Ao mutilar as suas filhas, as mães acreditam que garantem um melhor futuro com melhores maridos, já que a prática é vista como uma forma de “limpeza” das meninas.

As imagens foram feitas pelo fotógrafo da Reuters Siegfried Modola.



ANEXO 8 : Exemplo de material utilizado na aula - Ética Deontológica vs. Ética Consequencialista.

- *Exemplo:*

Um grupo de pioneiros atravessava o Oeste americano quando o comboio em que viajava foi atacado por índios. Um pequeno número conseguiu escapar e, perseguido pelos índios, refugiou-se num pequeno bosque. Quando alguns índios tentavam encontra-los, um bebé começou a gemer e a dar sinais de que iria chorar. Imediatamente, a mãe sufocou-o sacrificando-o para que o resto do grupo não fosse detetado pelos índios e destinado a uma morte certa.

Não concordo nada com Kant!

O que interessa numa ação, são os efeitos que ela produz, são as **consequências** que dela resultam... Daí dizerem que sou consequencialista.

Para as éticas consequencialistas as **ações são corretas ou incorretas, moralmente aceitáveis ou inaceitáveis, conforme as consequências**. As ações devem ser julgadas de acordo com os resultados que alcançam ou que é esperado alcançarem.



Deixem cá ver se percebi bem. As éticas consequencialistas defendem que a moralidade da ação depende dos seus resultados, das consequências.

Mas, que resultados são esses?



Boa questão miúdo!

Eu, Stuart Mill, **defendo que uma ação para ser moralmente boa tem que proporcionar felicidade às pessoas**. Uma ação é boa, quando é útil, quando serve para alguma coisa... **Quando traz a maior felicidade ao maior número de pessoas**.

A isto chamo de **princípio da maior felicidade (ou princípio de utilidade)**.



Hmmm...

Então o utilitarismo baseia-se num princípio básico. **O princípio da maior felicidade (ou princípio da utilidade) – a ação moralmente correta é aquela que maximizar a felicidade. A maior felicidade para o maior número de pessoas.**

Mas... O que é a felicidade?



És esperto! Fazes as perguntas certas no momento certo. És do 10/2?!

Com que então, queres saber **o que é a felicidade?**

Para mim, é a coisa mais desejável. É um estado de bem estar, onde há prazeres e ausência de dor.

Toda a atividade humana tem um objetivo último, este fim é a felicidade ou o bem-estar.

Por isso é que dizem que sou um **hedonista**.

O hedonismo é a teoria segundo a qual a felicidade é intrinsecamente valiosa e constitui o bem supremo. A felicidade é a única coisa desejável como fim em si mesma e todas as outras coisas desejáveis são-no em função do desejo de ser feliz.



Olhem aquele croqui! O que estas a fazer agarrado a esse calhamaço?

A tentar perceber Stuart-Mill.
Aquele filósofo consequencialista
que temos estudado nas aulas de
Filosofia.

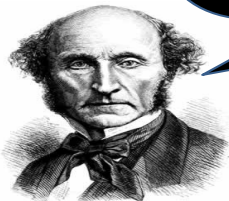


Deixa-os para lá! .
Como te estava a dizer...

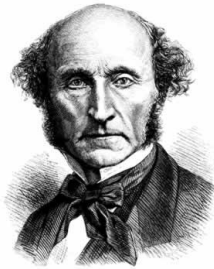
A felicidade é um estado de bem estar, onde há prazeres e ausência de dor. Há **prazeres superiores e prazeres inferiores**. Os **prazeres de espírito** (ou os **prazeres intelectuais**) são superiores aos **prazeres físicos (sensíveis)**.

Por exemplo, o teu prazer – *ler um livro* é superior ao prazer dos teus colegas – *jogar às cartas*.

Assim, como escrevi, *É preferível um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito. Mais vale um Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito.*



Não! É preferível uma quantidade menor de prazeres superiores que enriquecem espiritualmente a nossa vida.



Ok. Já percebi que existem prazeres superiores e prazeres inferiores. Mas, então, uma **quantidade maior** de prazeres inferiores (físicos) podem ser preferíveis a uma **quantidade menor** de prazeres superiores?



Tenho uma dúvida....

No outro dia fui ao museu e durante a visita, um dos visitantes apercebeu-se de que dois funcionários estavam a ter dificuldade em mudar de lugar um quadro muito famoso e valioso. Imediatamente, apressou-se a ajudá-los, mas infelizmente tropeçou num tapete e chocou com um dos funcionários derrubando-o. O quadro caiu com estrondo e ficou muito danificado.

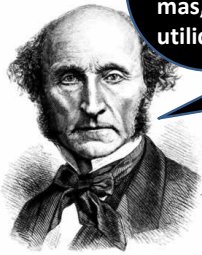
A ação dele foi má? Ele agiu com boa intenção, apesar das consequências terem sido desastrosas.



Sim. Para mim, que sou consequencialista e agora que sabes o que a ética consequencialista defende, sabes que, por vezes, **matar pode ser considerado correto**.

Ou seja, segundo o utilitarismo, **não há ações intrinsecamente boas**. Não há deveres que devam ser respeitados em todas as circunstâncias. **Não há deveres absolutos**. (Como aprendeste com Kant).

Mas sim, **a única coisa que é objetiva e universal é o princípio da felicidade** (ou utilidade), que todos devemos seguir. A obediência a tal princípio implica que se **realizem diferentes ações em diferentes circunstâncias**. **Não devemos seguir normas morais cegamente, mas, sim, devemos ser guiados pelo princípio da felicidade** (ou utilidade).



Obrigada Stuart Mill! Vou fazer um brilharete no próximo teste de Filosofia.



Desafio:

Cumprir o dever ou maximizar a felicidade?

Qual a teoria mais adequada, deontológica ou consequencialista, e porquê?

ANEXO 9: Atividade – Visita à Assembleia da República

ATIVIDADE	OBJETIVOS	INTERVENIENTES	CALENDARIZAÇÃO	DINAMIZAÇÃO (etapas)	RESPONSÁVEL	RECURSOS
Visita à Assembleia da República	<p>Desenvolver o espírito de cidadania;</p> <p>-Desenvolver os valores democráticos;</p> <p>-Conhecer o funcionamento da A.R.;</p> <p>-Valorizar o empenho cívico de político, reconhecendo a importância do posicionamento da sociedade civil na desagregação do regime autoritário;</p> <p>-Reconhecer a importância e as funções da A.R. e a sua relação com os demais Órgãos de Soberania;</p> <p>-Desenvolver a sensibilidade estética.</p>	Alunos do ensino secundário (Economia e Humanidades) e professores de Filosofia	<p>setembro/2014</p> <p>fevereiro/2015</p> <p>07/04/2015</p> <p>09/04/2015</p> <p>20/04/2014</p>	<p>1ª Etapa: Pedido de visita à AR</p> <p>2ª Etapa: Divulgação da actividade junto dos alunos</p> <p>3ª Etapa: Entrega das autorizações e receção das inscrições dos alunos</p> <p>4ª Etapa: Marcação do autocarro</p> <p>5ª Etapa: Visita à AR</p>	<p>Carla Pintéus</p> <p>Inês Oliveira</p>	Transporte

ANEXO 10: Atividade – Visita de Estudo Templos Sagrados

ATIVIDADE	OBJETIVOS	INTERVENIENTES	CALENDARIZAÇÃO	DINAMIZAÇÃO (etapas)	RESPONSÁVEL	RECURSOS
Templos Sagrados	<p>❖ Interpretar produções culturais sobre as grandes tradições religiosas.</p>	Alunos do 7º anos inscritos à disciplina de EMRC.	11 de junho	<p>1ª Etapa: Elaboração do projeto;</p> <p>2ª Etapa: Telefonar para os templos para ver a disponibilidade e calendarização;</p> <p>3ª Etapa: Elaboração do Calendário Periódico no documento EVM-EDU-119;</p> <p>4ª Etapa: Elaboração de uma apresentação multimédia para persuadir os alunos à inscrição;</p> <p>5ª Etapa: Reserva dos autocarros: contato com o professor Macedo para a reserva de um autocarro de 60 lugares.</p> <p>6ª Etapa: Diálogo com as turmas para a abertura das inscrições para a visita e apresentação da apresentação multimédia;</p> <p>7ª Etapa: Elaboração de um desdobrável para os professores acompanhantes e as respetivas autorizações para a autorização por parte dos Encarregados de Educação;</p> <p>8ª Etapa: Realização da atividade.</p> <p>9ª Etapa: Elaboração do relatório da actividade no documento EVM-EDU-59.</p>	<p>Vitor Teixeira</p> <p>Inês Oliveira</p>	<p>Autocarro;</p> <p>Desdobrável;</p> <p>Computador;</p> <p>Video-projector;</p> <p>Autorizações;</p> <p>Listagem;</p>

Anexo 11: Inquérito por questionário sobre a relação Filosofia, Ética e Multiculturalismo.



Inquérito por questionário sobre a relação entre Filosofia, Ética e Multiculturalismo

O presente inquérito é anónimo e serve para efeitos da investigação para relatório de estágio do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário (Universidade do Minho) - Ano lectivo 2014-2015

Responda às seguintes questões:

Grupo I

1. Considera que a filosofia tem utilidade?

- Sim
 Não

1.1 Se sim, porquê?

- Contribui para um maior conhecimento do ser humano
 Aumenta o nosso vocabulário
 Faz-nos reflectir sobre a vida humana, em geral
 Torna-nos mais autónomos
 Aumenta o nosso poder crítico
 Outro/a Qual? _____

2. Encaras a disciplina de Filosofia menos importante que outras disciplinas?

- Sim Porquê? _____
 Não

3. Qual a importância da filosofia para ti?

- Muito importante
 Importante
 Indiferente
 Pouco importante
 Nada importante

4. Consideras que a filosofia atua na vida global?

- Sim. Em que? _____
 Não Porque? _____

ATENÇÃO - AS QUESTÕES QUE SE SEGUEM SÃO PARA SER
RESPONDIDAS APENAS NO FINAL DO PERÍODO.

Grupo II

1. Após as aulas de Filosofia com a professora estagiária, consideras que a filosofia tem um papel fundamental na relação do *eu* com o *outro*?
Porquê? Justifica.

2. Encaras a reflexão ética, estudada nas aulas de filosofia, importante para viver no mundo pluricultural?

- Sim
 Não

Justifica a tua resposta sendo ela “Sim” ou “Não”.

3. Consideras possível o diálogo entre culturas?

4. A Declaração Universal dos Direitos Humanos exprime?

- Factos morais
 Reflecte simplesmente os padrões morais da sociedade que os subscrevem

Grupo III

1. Como avalias o desempenho da professora estagiária?

- Excelente
- Muito Bom
- Bom
- Suficiente
- Insuficiente

2. Consideras que a professora estagiária motivou para aprendizagem da Filosofia?

- Sim
- Não

3. Ao longo das aulas de Filosofia a tua opinião mudou acerca da disciplina?

- Sim
- Não

Obrigada!
A professora estagiária Inês Oliveira.